

UMA IDEIA QUE INTERESSA AO ALGARVE: A ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES E JORNALISTAS

O JORNAL DO ALGARVE tem acolhido com honras de primeira página uma ideia em feliz hora lançada e que seria muito lamentável se perdesse por inércia de preguiça mental, de modorra soalheira ou do tradicional comodismo de aguardar que alguém cultive as

couves para pacatamente as comer depois de criadas. Desde muito novo votado ao culto das letras por simples amadorismo, embora os afazeres profissionais me roubem durante longos períodos o prazer de escrever, não posso ficar indiferente à sorte dessa ideia e aqui

por Tito Olivio

estou a dar a minha contribuição e a oferecer a minha colaboração, se ela tiver algum valor para aqueles que, certamente, não deixarão de meter ombros a tão meritória empresa.

«Associação de Escritores e Jornalistas Algarvios» e «Associação de Escritores e Jornalistas do Algarve» foram as sugestões dadas para o seu nome, tendo surgido a segunda com o louvável intuito de incluir aqueles que, não sendo algarvios, residam no Algarve. Como é lógico, perfilho a segunda sugestão, embora preferisse chamar-lhe «Associação Algarvia de Escritores e Jornalistas» por me parecer mais bonito.

Numa sociedade tradicionalmente individualista como a nossa, a arrancada terá de ser dada por um grupo de pessoas de boa vontade, dotadas de espírito de equipa, dispostas a pegar no assunto, estudá-lo, dissecá-lo e finalizá-lo sem desânimo. O Jornal do Algarve, precursor ou patrono de ideias cuja concretização tem enriquecido a Província, no seu aspecto moral, ético, cultural e económico, poderia dar o pontapé de saída, convidando um grupo para estabelecer as bases da Associação, grupo esse que actuaria fora das páginas do jornal, em reuniões de trabalho, cujas conclusões poderiam aí ser publicadas para efeito de plebiscito.

(Conclui na 5.ª página)

IMPORTANTE ACHADO ARQUEOLÓGICO NOS ARREDORES DE SILVES JÁ É TEMPO DE A HISTÓRICA CIDADE POSSUIR O SEU MUSEU

QUANDO na propriedade do sr. Francisco Joaquim Pacheco, no sítio do Vale de Lama (Falaço) se faziam escavações para ter-
replaner uns terrenos para horta, foi encontrada, à profundidade de metro e meio, uma enorme pedra branca, com três filas de ornamentos, que o sr. Pacheco achou digna de conservar, por ver que se tratava de uma pedra antiga, trabalhada pelo homem.

Ao ser informado deste achado, aquele proprietário prontificou-se a levar-me no seu carro ao local onde se encontrava a pedra, a fim de que eu pudesse verificar do que se tratava, e qual a antiguidade.

Apesar dos meus escassos conhecimentos de arqueologia, penso que se trata de mais uma pirâmide ou menir, ou mesmo, pedra tumular, existente num dos períodos pré-históricos talvez o neolítico, votiva a entidade familiar, ou a divindade adorada nesta região, onde, também mais tarde consagraram Diana, deusa da caça, segundo uma inscrição romana, em pedra grés de Silves (vulgo pedra ruiwa) que faz parte das minhas colecções.

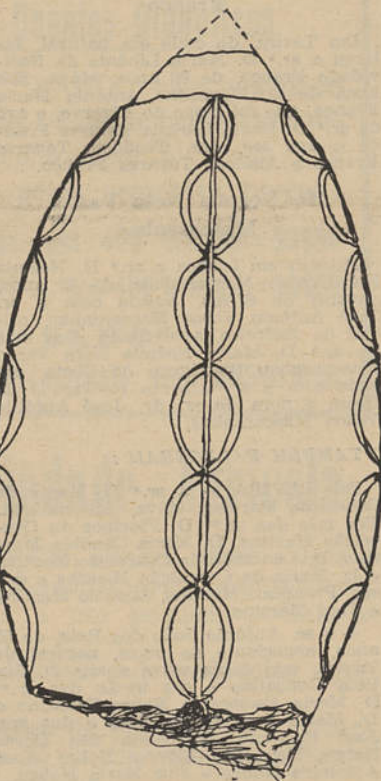
Com este achado ficou provado mais uma vez o valor arqueológico de Silves e seus arredores, onde há tanto que investigar, principalmente no castelo, que infelizmente tem sido ajardinado sobre uma vastidão imensa de entulhos, para ali conduzidos após o terramoto de 1755, e que ocultam, como já foi certificado, não só inúmeras peças de museu, cerâmica, moedas, etc., como alicerces de torres, casas, e talvez galerias subterrâneas de grande interesse arqueológico e turístico.

Coube ao ilustre professor Sebastião Philippes Martins Estácio

por Manuel de Sousa

da Veiga, no século passado, o maior estudo arqueológico ao nosso Algarve, como é do conhecimento de muitos portugueses; e foi

(Conclui na 5.ª página)



Janela do MUNDO

HOMENS E AVIÕES

OS séculos XVII e XVIII foram férteis em actos de pirataria marítima, precisamente quando os mares passaram a ser sulcados com mais frequência pelas frotas dos países que tinham litígios entre si. Por outro lado, surgiram figuras de piratas que já «trabalhavam» por sua conta e risco abordando barcos de todas as nações e roubando a torto e a direito. Alguns portos das Américas e ilhas das Caraíbas eram base dos bandidos que constituíam o grande pavor dos viajantes já bastante incomodados com as agruras de uma viagem transatlântica.

Os tempos passaram, os piratas foram castigados e desapareceram com o progresso, a legislação internacional e o desaparecimento do estado de guerra entre determinadas nações. Sobretudo, foram leis aprovadas por todos os países e postas em vigor que acabaram com essa atmosfera de instabilidade que as marinhas de guerra ajudavam a impor.

Tudo isto vem a propósito de um novo sistema de pirataria que

(Conclui na 5.ª página)

EPISÓDIOS DE OUTROS TEMPOS

A VISITA DO MINISTRO DO COMÉRCIO

por Álvaro Magno Guerreiro

COMO bom algarvio que me prezo de ser, sou, não digo falador, mas muito amigo de conversar. Por isso mesmo, nem todas as pessoas me servem para dar à língua. Gosto de trocar impressões sobre tudo que a vida encerra, tudo, menos falar da vida alheia. Ouvir anedotas, só as curtas e de fino espírito. Aturar um repetidor de anedotas em série, não suporto; provocam-me náuseas e o sorriso, por delicadeza forçada, é claro, cansa-me os músculos da face.

Conversar é tão bonito, tão interessante! Mas, com quem, com os amigos? Que é feito deles? Mudaram-se uns, para outras paragens; outros foram já, infelizmente para a viagem que ninguém inveja, mas que todos temos de fazer, sem a possibilidade de tirar bilhete de ida e volta. Só tenho um recurso: conversar com os meus botões, rememorar em todos os cacifos da minha memória de tão longa vida. Revivo, então, muitas coisas tristes, mas também algumas horas alegres, felizes, estas porém, parecendo não ter os 60 minutos da ordem.

(Conclui na 4.ª página)

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

AS ÁGUAS POLUÍDAS DO ARADE EXALAM UM CHEIRO PESTILENTO E MATAM TONELADAS DE PEIXE

por Joaquim Francisco da Encarnação Sequeira

A PROTECÇÃO da Natureza e o combate à poluição da atmosfera e das águas marítimas e fluviais, são dos mais ingentes problemas com que o homem se debate. É tão grave o perigo da poluição, que se não forem tomadas energéticas medidas para uma pro-

tecção adequada e intransigente-mente aplicada, o mundo ver-se-á a braços, num futuro mais ou menos próximo, com uma demolidora crise económico-sanitária, cujos totais resultados dificilmente se poderão prever mas que serão positivamente catastróficos. A campanha de esclarecimento levada a cabo pelas potências cientificamente mais avançadas e, de uma maneira geral, por todas as nações civilizadas, tem posto o público ao corrente de tal perigo, destacando a série de prejuízos que a poluição causa e mentalizando-o para a conveniente protecção da Natureza, a fim de nos salvaguardarmos de tais calamidades.

O nosso País tem dispensado ao assunto a melhor atenção, debatendo-o através da Rádio, da Televisão e da Imprensa, pelo que não haverá certamente ninguém que o desconheça, ou que sobre ele se não encontre esclarecido. Por

(Conclui na 4.ª página)

NOTA da redacção

CASTELOS NA AREIA

DE novo, por iniciativa do «Diário de Notícias», o concurso das Construções na Areia veio às praias do Algarve. De Sotavento a Barlavento, os nossos areais animaram-se com centenas de pequenos artistas que deram largas à imaginação nesta curiosa competição que já tem levado ao estrangeiro alguns jovens portugueses.

Ainda este ano, em La Baula, a fase internacional do Concurso classificou, em segundo lugar, uma pequena algarvia que se havia distinguido já com as suas construções.

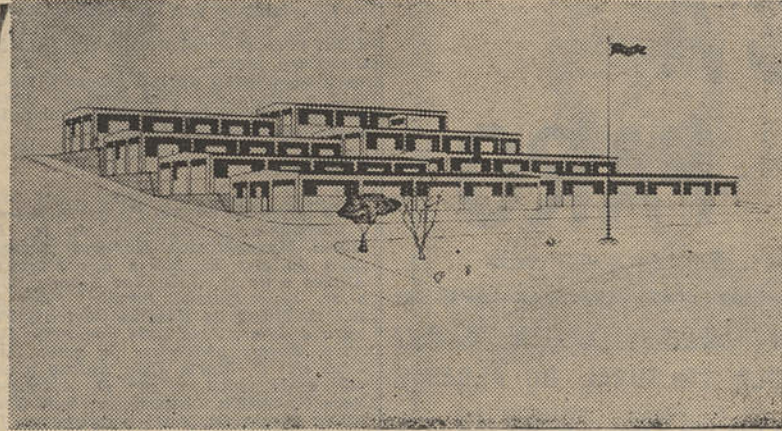
Esta é, sem dúvida, mais uma manifestação de interesse turístico para a nossa Província e sob este aspecto temos muita matéria-prima. Felizmente areia nunca nos faltou nas nossas praias. Com ela, todos nós, algarvios, temos construído, a seu tempo, aqueles frágeis castelos que a primeira onda

ou a maré seguinte destroem completamente. Nesses castelos, porém, têm derruído as nossas primeiras ilusões infantis, pela sua pouca consistência e instabilidade.

Outras obras têm surgido nas nossas praias, graças à imaginação dos homens, mais poderosa e menos fáivel. No entanto, elas nem sempre vingam, como os tais castelos que se esboroaam facilmente com as marés e o tempo.

Assim, alguns projectos que se formaram à sombra do turismo algarvio, os quais cresceram de mais e acabaram por mostrar-se impróprios para as limitações geográficas e sociais da nossa Província.

A grande realidade nas nossas praias continua a ser a sua areia, que, afinal, — provou-se agora — também serve o turismo.



Maqueta da nova sede da Casa dos Rapazes

ESTÁ A SER CONSTRUÍDO UM EDIFÍCIO-SEDE PARA A CASA DOS RAPAZES DE FARO

DESDE os primeiros números do Jornal do Algarve, que nas suas colunas se tem focado a urgência e necessidade da edificação de sede condigna para o Instituto D. Francisco Gomes.

«Uma casa para a Casa dos Rapazes» foi o «slogan» com que definimos a posição do Algarve para com uma obra que a toda a Província importa. A extraordinária acção social desenvolvida pela Casa dos Rapazes, onde, ao longo dos decénios, muitas centenas de jovens têm encontrado um verdadeiro lar, merece de há muito o mais acrisolado apreço de todos. Péssimas são as condições em que se encontra instalada tal obra, não oferecendo o conforto e as condições mínimas

para uma tarefa educativa eficiente.

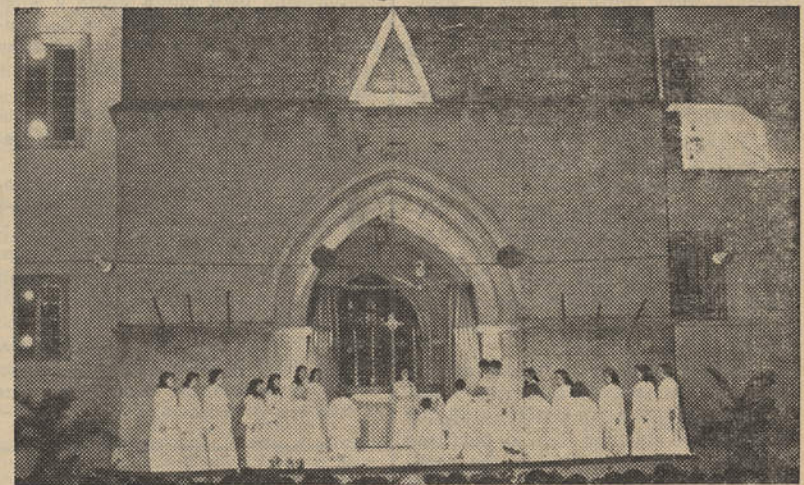
Pela construção do edifício-sede têm vindo a lutar ao longo dos anos, as boas vontades que generosamente têm dirigido os destinos da instituição. A esses homens é

(Conclui na 4.ª página)

JORNAL do ALGARVE

NOSSO prezado colega «Diário do Alentejo» transcreveu a nossa Nota da Redacção da semana finda sob o título «Quando a população se sente mais pobre».

(Conclui na 4.ª página)



Uma cena de «O Grande Teatro do Mundo» de Calderon de la Barca, interpretada pelo Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve

VALIOSO CONTRIBUTO DA GULBENKIAN PARA O GRUPO DE TEATRO DO CÍRCULO CULTURAL DO ALGARVE

A ACÇÃO extraordinária tem desenhado ao longo dos 14 anos de existência o Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve. No seu «Teatro Estúdio» processa-se obra ímpar e a vida cultural na província sulina tem conhecido na equipa que o dr. Campos Coroa dirige, um dos seus mais válidos esteios. Mais de uma centena de espectáculos realizados não só na Província, como em Lisboa e noutros locais do País, a procura de novas formas de encenação e a descoberta, para o público algarvio, de nomes grandes da dramaturgia, são algumas das múltiplas facetas do Grupo.

Recordemos, a propósito, a retransplantação da actividade cénica para o ar livre em «O Grande Teatro do Mundo», de Calderon, na Sé Catedral; «O Lugre», de Santarém, na doca; «Trilogia das Barcas», de Gil Vicente, na Alameda, ou a «Castro», de António Ferreira, no Convento das Freiras. A quando do centenário vicentino, o Grupo ganhou as distinções maiores do Concurso de Arte Dramática, onde tem tido papel relevante. Cumulativamente com a actividade cénica, foram criados outros ramos artísticos, como o Coral de Santa Maria, os Jograis Emiliano da Cos-

ta e o Teatro de Fantoques. Esta última iniciativa tem logrado o maior êxito, como o justificam os aplausos e alegria da petizada.

Difícil é criar cultura nos grandes meios e mais ainda (por razões económicas e humanas) na provin-

(Conclui na 5.ª página)

A saúde é a maior riqueza

PORTAS E JANELAS DO CORPO

«As portas e janelas do corpo humano, que se introduzem, sem cerimónia, os germes. Encontrando o organismo enfraquecido, instalam-se, causando as doenças. A defesa da saúde, pela destruição de tais inimigos, depende das boas condições da resistência orgânica.»

Fortaleça o corpo, alimentando-se adequadamente, vivendo ao ar livre, fazendo exercícios físicos e submetendo-se a exame médico de seis em seis meses.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA



FÉRIAS e FINS DE SEMANA NO ALGARVE

- PRIMEIRA CLASSE
Quarto com casa de banho
Chambre avec salle de bain
Room with bath room

Reserva e informações: RUA GONÇALO BARRETO, 1
TELEF. : 240 63
FARO * ALGARVE * PORTUGAL

CRÓNICA DE FARO



ALEX - O HOMEM DE NEGRO EXPÕE NO CÍRCULO CULTURAL DO ALGARVE

UDO o que é simples é belo. E o que vos trago hoje não tem nada de complicado. Portanto... Não começo esta história como é usual nos contos para crianças...

Como quer que seja, por esta ou aquela razão, tudo pode acontecer em dado momento da vida, até de uma forma aparentemente inverosímil. Mas se sucede que um facto se materializa inequivocamente...

Muita gente se obstina, inexplicavelmente, em acreditar que o vizinho, que conheceu sempre como pessoa simples e despreocupada, sem outra finalidade na vida que a de ir comendo alguma coisinha para não morrer prematuramente...

Se lhes dissesse que um dia destes ouvi alguém dizer: «aquele indivíduo nunca pode ser bom médico porque o pai dele nunca passou de um...» Qual seria a vossa resposta? Mas, por favor, não me respondam. Tenho «medos» que alguém me decepcione. E que às vezes...

...pôs o homem de negro, conhecido?, conseguiu alcançar a galáxia das ignoradas potencialidades humanas e extrair dela o perfume luminoso com que fundiu, no cadinho comum das banalidades o seu passado de horas sem importância. Do molde surgiu um ser diferente, com pretensões aceitáveis e valiosas a respirar saudavelmente o oxigénio do talento, na nova atmosfera do seu real quotidiano.

O conhecimento de si próprio veio-lhe quando se lançou de um avião, preso a um pára-quedas, e olhou a terra em baixo, silenciosa e distante, cheia de contornos e coloridos estranhos. Nesse momento, senti um fascínio irresistível pelas alturas a liquefazer-se no sangue. E quis subir, subir mais e mais, tornar à vastidão do azul, a perder-se longe das multidões, dos sons da vida, das arestas da terra. A centenas de metros do solo agreste veio-lhe a consciência de que errara os passos da sua vitima de anos, ainda que o tivesse feito por caminhos fáceis mas que, ao cabo, não o conduziram a lugar nenhum.

«Sentia-me triste quando pousava os pés no chão — dizia-me o moço. — Voltava à realidade do meu vegetal errante e confuso. Só nos seus olhos de soldado pára-quadista surgia a cor, a forma, a perspectiva do belo. E no seu cérebro a angústia de como transformar essa ansiedade numa realidade significativa. Regressado de Angola, comprou pincéis e tintas e fugiu a esconder-se numa tentativa de materialização do sonho das alturas, o sonho dos azuis celestes das alvoradas, dos amarelos fogo e ouro a esmaecer nos cinzentos das tardes debruçadas sobre a noite. Contudo, foi no barro, no barro feito da terra, que o homem de negro mais revelou toda a sua potencialidade de artista modelador. Era a magia das mãos, o desassossego dos dedos a lembrar o doce contacto com a crosta no fim de cada salto. Sim! Era o seu todo que se dividia. Era o seu espírito que continuava sonhador lá pelas alturas enquanto as suas mãos sollicitavam a descida ao mundo vulgar, numa prece imperceptível à terra. Sim, era isso. O homem a transcender o homem. A ultrapassagem do banal.

Alexandre vai amanhã dar pleno testemunho da sua capacidade de artista. Vai expor no Círculo Cultural do Al-

ECOS

Partidas e chegadas

Seguiu de avião para Luanda, a sr.ª D. Maria Rosa Gravanita, esposa do sr. Manuel Pires Gravanita, agente comercial, que já passou algum tempo com seu filho, sr. eng. José Manuel Pires Gravanita, em serviço em Gabela. — Hóspede do sr. Armando Gonçalves, vice-cônsul encarregado do Consulado de Espanha em Faro, passou alguns dias na sua vitima na praia de Monte Gordo o sr. Juan B. Camós, chanceler da Embaixada de Espanha em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filho. — Com sua esposa, está passando férias em Tomar o sr. Manuel Maria Gaudêncio, nosso assinante em Tavira. — De regresso de Espanha esteve em Vila Real de Santo António acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. José Nunes de Sousa, nosso assinante em Quezuz. — De passagem por Vila Real de Santo António, esteve na nossa Redacção o nosso prezado colaborador, sr. João M. Guerreiro Matoso. — Acompanhado de sua esposa e filha, está a férias em Vila Real de Santo António o sr. Edmundo Brito Samádio, nosso assinante em Almada.

Casamento

Na igreja da Sé, em Faro, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Manuela dos Mártires Afonso, filha da sr.ª D. Maria dos Mártires Afonso e do sr. João Vaz Afonso, com o sr. Luís Manuel Pereira, filho da sr.ª D. Maria do Rosário Custódio Pereira e do sr. José Luís Camarada Pereira. Foram padrinhos da noiva, sua irmã sr.ª D. Maria João Afonso e seu pai, e do noivo, a sr.ª D. Antonieta Rosa Camarada e esposo, sr. Luís Gonçalves Camarada. Após o casamento foi servido um copo-d'água no restaurante Duas Sentinelas. Os noivos, que ficam residência em Faro, seguiram para Espanha.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa. Em FARO, hoje, a Farmácia Almeida; amanhã, Montepio; segunda-feira, Higienie; terça, Graça Mira; quarta, Pereira Gago; quinta, Pontes Sequeira e sexta-feira, Baptista. Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes. Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Pinto; amanhã, Avenida; segunda-feira, Madeira; terça, Confiança; quarta, Pinheiro; quinta, Pinto e sexta-feira, Avenida. Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Oihanense; amanhã, Ferro; segunda-feira, Rocha; terça, Pacheco; quarta, Progresso; quinta, Oihanense e sexta-feira, Ferro. Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Dias; segunda-feira, Central; terça, Oliveira Furtado; quarta, Moderna; quinta, Carvalho e sexta-feira, Rosa Nunes. Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Pereira; amanhã, Montepio; segunda-feira, Dias Neves; terça, Pereira; quarta, Montepio; quinta, Dias Neves e sexta-feira, Pereira. Em SILVES, hoje, a Farmácia Duarte; e até sexta-feira, a Farmácia João de Deus. Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Sousa; amanhã, Montepio; segunda-feira, Abolim; terça, Central; quarta, Franco; quinta, Sousa e sexta-feira, Montepio. Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O vingador atira à esquerda»; amanhã, em matino, «A flecha do Robin dos Bosques» e em soirée, «Carne da minha carne»; terça-feira, «Caracas 5 para as 12»; quarta-feira, «Divórcio à italiana»; quinta-feira, «Operação Kid Brother»; sexta-feira, «Em ponto de rebuçado». Na FUSETA, no Cinema Topazio, amanhã, «A serra de um gigante» e «O obcecado»; quinta-feira, «Djangos» e «Gibraltar». Em FARO, na Esplanada S. Luís Parque, hoje, variedades; amanhã, «Detective em ação»; terça-feira, «Cada bala tem um nome» e «A máscara do Zorro»; quarta-feira, «Quimera»; quinta-feira, «Deus perdoa... eu não»; sexta-feira, «A minha profissão é matar» e «O grande ídolo». Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Alvorada de fogo» e «O fidalgo aventureiro»; amanhã, «A mulher infiel»; terça-feira, «Quimera»; quarta-feira, «Deus perdoa... eu não»; quinta-feira, «Alta tração». Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Guerreiros em fúria» e «Sangue de corsário»; amanhã, «Romance em Acapulco»; terça-feira, «Marido velho... mulher nova»; quinta-feira, «Deus perdoa... eu não». Em OLHÃO, na Esplanada Avenida,

Recepção a jornalistas brasileiros

Pelo sr. dr. José Colaço Fernandes e sua equipa de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, é hoje oferecido no Hotel da Penina, em Alvor, um jantar aos jornalistas brasileiros que se encontram no nosso País. As 19,30, haverá recepção, em que tomam parte os representantes dos órgãos da Imprensa portuguesa.

Vila Real de Santo António AGRADECIMENTO

Ao sr. dr. José Colaço Fernandes e sua equipa No dia 8 deste mês, quando entrei, em «regime de urgência», no Hospital de Vila Real de Santo António, fui pronta, proficiente e carinhosamente tratado por aquele ilustre clínico e pessoal de enfermagem, pelo que por este meio lhes exprimo o meu melhor agradecimento.

Tomás Fernandes Antunes Lisboa

AGENDA

Hoje, «O expresso do Inferno»; amanhã, «Por quem os sinos dobram»; terça-feira, «Depois daquela noite»; quarta-feira, «Ringo e Gringo contra todos»; quinta-feira, «Com a corda na garganta»; sexta-feira, «Homens e comigos»; sexta-feira, «Pela de espíritos» e «O agente secreto PX-15». Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Água negra, o corsaco» e «O homem da aventura»; amanhã, «Guerra e paz (Natasha)»; segunda-feira, «As aventuras de O Santo» e «Os espíritos matam em Beirutes»; terça-feira, «Guerra e paz (O incêndio de Moscovo — A vitória)»; quarta-feira, «Com jeito vai, campista»; quinta-feira, «Colts para os 7 magníficos»; sexta-feira, «O salário do crime». No Cine-Esplanada, hoje, «7 pistolas para os Mac Gregors»; amanhã, «De braço dado»; terça-feira, «7 espingardas para um massacre»; quarta-feira, «Nova York chama superdragão»; quinta-feira, «Roma invencível»; sexta-feira, «Gibraltar» e «100 000 dólares por Ringo». Em S. BRÁS DE ALPORTEL, no São Brás, hoje, «A flecha sangrenta»; amanhã, «Uma garota do outro mundo». Em SILVES, no Cine-Teatro Silvese, hoje, «O homem de Oklahoma»; amanhã, «Esta noite é minha»; quinta-feira, «A noite é feita para roubar». Em TAVIRA, no Cine-Teatro António Pinheiro, amanhã, «Antes que caísemos» e «A flecha sangrenta»; quinta-feira, «Os ossos do ofício» e «Os espíritos matam em silêncio». Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Glória Futebol Clube, hoje, «Hoje» (o segredo da maternidade); segunda-feira, «Clay Times»; quarta-feira, «Os profissionais do crime»; sexta-feira, «Vingar primeiro, amar depois». No Lusitano Futebol Clube, hoje, «O solitário de Nevada»; amanhã, «Circus à volta do mundo»; terça-feira, «Paraiso havaiano»; quinta-feira, «Volte de violência».

Há também cinema numa esplanada no sítio das Hortas e em duas esplanadas de Monte Gordo.

De 10 a 16 de Setembro O L H A O

NECROLOGIA

Armando dos Reis de Sousa Vítima de pertinaz doença faleceu na Fusetas, onde residia, o sr. Armando dos Reis de Sousa, de 56 anos, comerciante, dall natural, casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus Dias de Sousa. Era pai das sr.ªs D. Maria Arminda de Sousa Leal, D. Madalena Maria de Sousa Viallete e D. Maria Isabel Dias de Sousa Martins e dos srs. Joaquim Dias de Sousa, José António Dias de Sousa e João Eurico Dias de Sousa e sogra das sr.ªs D. Maria José Gonçalves Milho de Sousa, D. Leonor Fausto Pacheco de Sousa e D. Lucinda das Candeias Afonso de Sousa e dos srs. João Francisco Manuja Leal, nosso dedicado colaborador e Virgílio de Jesus Martins.

AGRADECIMENTO

Vitor Manuel Antunes Agostinho Seus pais, irmãos e mais família, na impossibilidade de agradecer aos muitos amigos que os acompanharam no seu grande desgosto, vêm por este meio fazê-lo e a todos manifestar a sua enorme gratidão.

AGRADECIMENTO

Cinco feridos e grandes atrasos na distribuição do correio provocou o descarrilamento do «rápido» do Algarve A composição conhecida por «rápido» do Algarve, cuja saída de Vila Real de Santo António com destino ao Barreiro se verifica diariamente às 15,45, descarrilou na segunda-feira entre as estações de Odemira e Amoreiras, à saída do túnel do lugar de Vale de Iscas, a 5 quilómetros de Amoreiras (Gare), sendo este o quarto desastre ferroviário que se verifica naquela zona da linha do Sado.

Ficaram feridos os srs. Jorge Baptista, maquinista da composição; Manuel de Jesus Margarido, condutor-chefe; António Rodrigues, guarda-freios, e as sr.ªs D. Ausenda do Carmo Martins Gonçalves, de Poço Barreto (Alcantarilha) e Albertina da Glória Correia, de Lagos.

Só por feliz acaso o descarrilamento não assumiu mais graves proporções. A máquina, ao sair dos carris, desprendeu-se das carruagens, das quais só as quatro da frente descarrilaram também, indo embater num aterro que margina a via, a poucos metros de uma ravina de declive bastante acentuado. O desastre provocou atrasos na chegada de outras composições, nos dois dias imediatos, a Vila Real de Santo António, bem como na distribuição do correio.

Homenagem ao presidente da Câmara Municipal de Olhão Vai deixar a seu pedido, as funções de presidente do Município oihanense o sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, que durante alguns anos desempenhou o referido cargo, com interesse e dedicação. Um grupo de oihanenses, querendo dar-lhe público testemunho do seu apreço pela obra realizada em prol da valorização e progresso do concelho, promove no próximo dia 26 um jantar de homenagem.

O Banco do Algarve vai aumentar o capital

Instituição com relevantes serviços prestados ao desenvolvimento da progressiva província do Sul, o Banco do Algarve foi autorizado, conforme despacho publicado no «Diário do Governo» a proceder ao aumento do capital para 50 mil contos.

O facto, que testemunha a solidez e progresso daquela casa bancária, com sede em Faro, agências em Portimão, Loulé, São Brás de Alportel e Olhão e posto de câmbios na Praia da Rocha, integra-se no espírito dos novos estatutos, já aprovados, que permitem aos conselhos de administração e fiscal elevar o capital do Banco do Algarve até 150 mil contos, por uma só vez ou parceladamente.

Há também cinema numa esplanada no sítio das Hortas e em duas esplanadas de Monte Gordo.

NECROLOGIA

Armando dos Reis de Sousa Vítima de pertinaz doença faleceu na Fusetas, onde residia, o sr. Armando dos Reis de Sousa, de 56 anos, comerciante, dall natural, casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus Dias de Sousa. Era pai das sr.ªs D. Maria Arminda de Sousa Leal, D. Madalena Maria de Sousa Viallete e D. Maria Isabel Dias de Sousa Martins e dos srs. Joaquim Dias de Sousa, José António Dias de Sousa e João Eurico Dias de Sousa e sogra das sr.ªs D. Maria José Gonçalves Milho de Sousa, D. Leonor Fausto Pacheco de Sousa e D. Lucinda das Candeias Afonso de Sousa e dos srs. João Francisco Manuja Leal, nosso dedicado colaborador e Virgílio de Jesus Martins.

Bastante conhecido e estimado por suas qualidades, a morte do sr. Armando dos Reis de Sousa causou grande pesar. No cortejo fúnebre, que foi precedido de missa de corpo presente celebrada na igreja paroquial, incorporaram-se centenas de pessoas.

Manuel Abílio Rodrigues de Sousa

Faleceu em Lisboa, realizando-se o funeral para Tavira, de onde era natural, o sr. Manuel Abílio Rodrigues de Sousa, de 40 anos, funcionário do Banco Português do Atlântico, de que fora subgerente em Setúbal. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Laura dos Santos Rodrigues de Sousa e era pai do menino Edmundo Manuel Rodrigues de Sousa.

D. Joaquina Dias de Andrade e Sousa

Em S. Brás de Alportel, de onde era natural, faleceu a sr.ª D. Joaquina Dias de Andrade e Sousa, de 88 anos. Era mãe da sr.ª D. Maria Manuela de Andrade e Sousa Colaço Fernandes, casada com o sr. dr. Matias Colaço Fernandes, juiz de Direito; e do sr. dr. Alberto Miguel de Andrade e Sousa, médico em Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Matos Beja de Andrade e Sousa, e avó da menina Maria Manuela de Sousa Fernandes e do menino António Alberto de Sousa Fernandes.

D. Maria Libânia da Natividade Franco

Em Tavira, de onde era natural, faleceu a sr.ª D. Maria Libânia da Natividade Franco, de 96 anos, viúva. Era irmã de D. Marcelino António Maria Franco, que foi bispo do Algarve, e avó da sr.ª D. Maria Libânia Tavares Franco e dos srs. drs. Teodósio Tavares Franco e Amílcar Tavares Franco.

D. Noémia Neto Vasco Mascarenhas

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Noémia Neto Vasco Mascarenhas de 70 anos, natural de Silves, casada com o sr. José António Vasco Mascarenhas, oficial do Exército, aposentado. Era mãe da sr.ª D. Maria Noémia Neto Vasco Mascarenhas Rodrigues da Costa, casada com o sr. dr. José António Vasco Mascarenhas.

TAMBÉM FALECERAM:

Em TAVIRA — a sr.ª D. Maria da Conceição Martins, viúva, dall natural. Era mãe das sr.ªs D. Floripes da Conceição Martins, D. Maria Cândida Martins, D. Laurinda da Conceição Martins e D. Maria da Conceição Martins e dos srs. Francisco Martins, António Martins e José Martins.

— o sr. António João dos Reis, de 55 anos, negociante de peixe, natural de Tavira, que deixa viúva a sr.ª D. Julieta Gonçalves e era irmão das sr.ªs D. Maria Esmeralda Nobre Faustino e D. Maria José Nobre Dias e dos srs. José Eduardo, Marcelino das Dores Nobre, Fernando Alberto Nobre, José Aldemiro Nobre e Rui Maria Nobre.

Na AMADORA — a sr.ª D. Angelina Dias Murtinheira Martins, de 58 anos, natural de Lagos.

Em SANTO ANTÓNIO DO ESTORIL — a sr.ª D. Ana Rosa da Silva, de 95 anos, natural de Monchique, mãe da sr.ª D. Antonia Guerreiro Ovelheira e do sr. José Guerreiro da Silva.

As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve, sentidos pésames.

LOTAS

De 9 a 16 de Setembro VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Table with 2 columns: Lot name and value. Includes Traineiras, Conserveira, Dora, Lésia, Garotinho, Liberta, Sul, Conceição, Pérola do Guadiana, Prateada, Diamante, Infante, Cajá, Flor do Sul, Refrega, Norte, Maria Rosa, Audaz, Sr.ª da Encarnação, Ilha do Sonho, Alceirim.

ALADORES PURETIC

MOTORES PARA CHALANDRAS FARYMANN E AUXILIARES DE BORDO FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA.

De 10 a 16 de Setembro O L H A O

Table with 2 columns: Lot name and value. Includes Traineiras, Alceirim, Rainha do Sul, Estrela do Sul, Costa Azul, Nova Esperança, Nova Clarinha, Nova Sr.ª da Piedade, Princesa do Sul, Brisa, Lurdinhas, Noroeste, Nova Areosa, Vandinha, Leste, Fernando José, Amazona, Salvadora, Restauração, Pérola Algarvia, Lena, Portugal VII, Nova Palmeta, Ilha de Sonho, Conserveira.

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 9 a 16 de Setembro QUARTEIRA

Table with 2 columns: Lot name and value. Includes Artes diversas, ARMAÇÃO, Maria Luisa.

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

De 9 a 15 de Setembro PORTIMÃO

Table with 2 columns: Lot name and value. Includes Traineiras, Praia dos Três Irmãos, Neptúnia, Nova Dóris, Nova Palmeta, Sónia Clementina, Sete Estrelas, Arrifana, Anjo da Guarda, Lena, Loja, Senhora do Caia, S. Carlos, Portugal V, Alantada, Zaval, Flora, Donzela, Portugal VII, Olímpia Sérgio, Praia Morena, Alga, Portugal IV, Ponta do Lador, Marinhaira, Biscaina, Cinco Marias, Vulcânia, Brisa, Maria Benedito, Maria, Princesa do Arade, Princesinha, Fernando José, Portugal VI, Maria do Pilar, São Flávio, Fôia, So, Costa de Oiro, Brismar, Sr.ª da Encarnação, Ponta da Galé, Sagres, Oca, La Rose, Audaz, Leãozinho, Abeluz, Marisabel, Gracinha, Alceirim, Noroeste.

MOTORES INTERNATIONAL

De 10 a 16 de Setembro LAGOS

Table with 2 columns: Lot name and value. Includes Traineiras, Brismar, Sagres, Marisabel, Gracinha, Donzela, Baía de Lagos, Milita, Abeluz, Praia Morena, Sr.ª da Encarnação, Zaval, Nova Palmeta, Costa de Oiro, Vulcânia.

DR. DIAMANTINO D. BALTARZ

Médico Especialista

Doenças e Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias

Consultas diárias a partir das 15 horas

Consultório: Rua Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.

F A R O

Telefones: Consultório 2 20 13, Residência 2 47 61

«O Império do dólar»:

Alvo n.º 5 dos «Cadernos do Século»

Muitas têm sido as obras editadas sobre o que são os E. U. A., o que pretende toda uma estrutura dominadora, e quais os processos utilizados para alcançar os seus fins. Algumas pecam pela extensão, outras pela parcialidade não só ideológica mas também temática.

E. U. A. é uma realidade que domina o mundo e, de facto, a maior parte da população do globo. «O Império do dólar» é um livro que auxilia a compreensão da realidade mais grandiosa (em todos os sentidos) e mais perigosa de toda a história da humanidade.

Um país que, através de um poderio económico e político, praticamente, tudo lhe é permitido, encerra em si mesmo, também, os germes da sua própria derrocada.

«Os Estados Unidos, com 6% da população mundial consomem, segundo os cálculos, um quarto, metade ou mesmo mais de 90% das matérias-primas disponíveis de todo o Mundo. E o formidável poderio económico dos Estados Unidos está assente sobre a exploração a baixo preço das riquezas do Terceiro Mundo.»

Assim começa um artigo da autoria de Claude Julien já publicado na revista *Croissance des Jeunes Nations* e agora integrado neste número dos *Cadernos do Século*, há pouco publicado.

Alguns aspectos mais, extraídos de esmo das revelações contidas na escassa centena e meia de páginas desta obra, autêntica condensação de uma realidade que a todos afecta, quer sejam do norte, quer do sul, de leste a oeste, bloco ocidental ou socialista, ricos ou pobres:

— Estados Unidos da América, um país com 200 milhões de habitantes dos quais trinta milhões vivem à margem da sociedade opulenta: negros, porto-riquenhos, índios e brancos do sul e dos Montes Apalaches.

No próximo ano, o produto nacional bruto atingirá, muito possivelmente, mil biliões de dólares, haverá cerca de 300 milhões de pessoas, das quais um milhão dispõe de piscina privativa e oito milhões de barco de recreio.

América, capital do crime, país da pobreza e da criminalidade, onde ninguém se aventura nas ruas principais das cidades depois das 9 horas da noite; onde funcionários das embaixadas estrangeiras são assaltados a 200 metros da Casa Branca, residência do presidente da República...

O arsenal atómico orça pelas 40 mil ogivas nucleares, bastando explodir uma ou duas delas, para todo o planeta ser destruído...

Nos próximos dez anos, serão gastos 100 biliões de dólares na luta contra a poluição do ar e da água.

O dr. Stanley F. Yolles, director do Instituto Nacional para as Doenças Mentais, declarou: «Os movimentos populacionais e as condições de existência de uma sociedade onde tudo se acelera provocam, sem dúvida alguma, transtornos psicológicos. Encontramos cada vez mais estados depressivos em mulheres de meia idade e os homens estão expostos ao mesmo perigo desde os 40 anos».

«Duzentos milhões de habitantes», «Trinta milhões à margem da sociedade opulenta», «Pobreza e criminalidade», «A capital do crime», «Arsenal químico e bacteriológico» e o «Arsenal atómico», «A política no Médio Oriente», a «Presença militar na Europa», o «Império americano do Século», artigos publicados nas mais responsáveis revistas e publicações da Europa e América: *Newsweek*, *Le Monde Diplomatique*, *The Times*, *Le Nouvel Observateur*, *Triunfo*, *L'Actualité* e *Croissance des Jeunes Nations*.

J. A. M.

À Classe Médica e aos Doentes Diabéticos

As preparações de INSULINA «SANO» cuja qualidade é assegurada pela comprovação oficial a que sistematicamente são submetidas, encontram-se à venda nas principais Farmácias do País pelos seguintes preços:

INSULINA (SIMPLES)-Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=20\$00
INSULINA PROTAMINA-ZINCO-Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=23\$00

O LABORATÓRIO «SANO»

É O ÚNICO FABRICANTE NACIONAL DE INSULINA

Arrenda-se Propriedade Agrícola

Denominada «PEDRAS-DEL-REI», situada entre a Luz e Tavira, que consta de regadio e sequeiro, com alfarrobeiras, amendoieiras, oliveiras, figueiras e um pequeno pomar de citrinos.

Tem óptimas instalações (residência e dependências agrícolas).

Recebe propostas, com condições de pagamento, em carta fechada, até às 15 horas do dia 20 do corrente mês a Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho.

As condições encontram-se patentes na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia.

Se algum interessado desejar fazer qualquer outra exploração além da agrícola deverá indicar na carta proposta o que pretende fazer.

A Mesa da Misericórdia reserva-se o direito de não efectuar o arrendamento caso as propostas não interessem.

10/9/70.

A Mesa Administrativa



EM LOULÉ GANHAR O TEMPO, VÍTOR

por Manuel Sequeira Afonso

Ganhei a noite. Na verdade, todo o meu dia foram aqueles breves minutos da noite.

Sim, foste tu, Vítor Manuel, com as tuas palavras duras agudas, cheias, como um poema humano e vertical, que me ajudaste a ganhar a noite, o dia, o tempo todo.

- Que desejas?
- Venho inscrever-me nos jogos juvenis que vão ser realizados.
- Está bem. Quantos anos tens?
- Treze.
- E que fazes?
- Sou ajudante de pedreiro. Trabalho ali nas obras da igreja da matriz.

— És natural de Loulé?

— Não. Sou de Lisboa. Mas já cá estou há seis anos. Vim para cá por desgraças. O meu pai, todo o dinheiro que ganhava gastava em vinho e mulheres. Depois batia muito na minha mãe. Um dia pôs a gente na rua. Como a minha avó era de Boliqueime, vim para cá com a minha mãe. Tudo por desgraças. Agora trabalho.

E disseste mais coisas, Vítor Manuel. Sim, disseste. Mas desculpa, que estas tuas últimas palavras, ditas em catadupa, por uma necessidade inadiável de as dizer, por uma vontade de te sentires acompanhado, desculpa amigo, que estas palavras encheram a noite, o dia, o tempo todo.

Poucos repararam em ti, como viste exactamente te foste, simples e bom. Por isso sou teu irmão, sabias?

Tu és ajudante de pedreiro, tens treze anos (TREZE, TREZE, TREZE), não usas sapatos novos, não és um «menino decente», não andas no Colégio. Vítor, por isso sou teu irmão, sabias?

Contigo ganhei o tempo. Aprendi mais uma boa lição da vida, que é a melhor professora do homem. Contigo, que tens treze anos e és ajudante de pedreiro, que trabalhas na igreja da matriz (onde muitos crentes vão rezar para que os filhos tirem depressa o seu curso superior — filhos que nunca foram ajudantes de pedreiro), contigo, meu irmão de ontem, de hoje e de amanhã, aprendi que a esperança ainda é alguma coisa, se soubermos trabalhar e lutar por ela.

Contigo ganhei o tempo todo, Vítor Manuel. E tens apenas treze anos!...

A profissão feminina mais actual

Modernas Técnicas de Secretariado

Curso completo ou Estágios de aperfeiçoamento (nocturnos)

INSTITUTO SANTA SOFIA
Largo do Mercado, 61 1.º-Esq.
Rua dos Bombeiros Portugueses, 16
FARO

Vai ser construído um edifício para a P. S. P. em Olhão

A Câmara Municipal de Olhão vai mandar construir um imóvel para instalar os serviços da Polícia de Segurança Pública naquela vila. Localizar-se-á na confluência da Avenida 5 de Outubro com o recinto da feira, sendo o custo superior a 900 contos. Disporá de dois pisos, para os serviços policiais e residência do comandante do posto.

O projecto é do arq. Villares Braga e o concurso para adjudicação efectua-se às 15 horas do dia 7 do próximo mês.

H. PIMENTA DE CASTRO
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA

Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —

CONSIDERA-SE A URGÊNCIA CONSULTÓRIO:

Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º—OLHÃO

TELEF. OLHÃO—72619
Residência 23104—FARO
3497—MONTE GORDO

NOVOS CORPOS GERENTES

Associação de Basquetebol de Faro

Ficou constituído do seguinte modo o elenco directivo da Associação de Basquetebol de Faro, com sede em Olhão:

Assembleia geral — presidente, José Pargana (C. D. O.); vice-presidente, Manuel Luciano Pitê (C. D. O.); secretário, José Gilberto Gomes Lara, (G. C. O.); e Joaquim António Sequeira (S. C. F.).

Direcção — presidente, Hernâni Martins do Patrocínio (C. D. O.); secretário-geral, José dos Santos Silva (C. D. O.); secretário-adjunto, José Fátima Marim Teixeira (S. C. F.); tesoureiro, Manuel Rodrigues da Cruz (S. C. O.); vogal, Arnaldo de Jesus Marçal Lelo (S. C. O.); suplentes, Francisco Manuel Paula Bento (S. C. O.) e António Domingos Lopes (S. C. O.).

Conselho fiscal — presidente, João Guerreiro de Almeida (G. C. O.); secretário, Sérgio Correia dos Santos (S. C. O.); relator, Mário Patrocínio de Jesus Calapez (G. C. O.).

Conselho técnico — presidente, Luciano Dias Graça (S. C. O.); secretário, João Luísgero Marreiros Serrano (C. D. O.); vogal, José Francisco Bruno (S. C. O.).

Conselho jurisdiccional — presidente, dr. Nuno Alvares Viegas Matamouros; secretário, dr. José Domingos Baltasar; vogal, José Tomás da Graça.

Mestre de Fabrico

Admite-se, com muita prática de fabricação de conservas de peixe, activo, de preferência até 40 anos de idade, podendo trazer Mestra. Guarda-se sigilo, estando empregado. Dirigir-se à UNIÃO CONSERVEIRA DO ALGARVE, Lda. — Apartado 52, Portimão.

MERECEM BORLA E CAPELO...

OS VINHOS VERDES «CAMPELO»!



Os VINHOS CAMPELO são «doutores» em VINICULTURA...
Peça em toda a parte: VINHOS CAMPELO

Um produto da rede distribuidora ENOLUA
DEPOSITOS—FARO telef. 23669-TAVIRA-telef. 264-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO-telef. 148-ALMAGUIL-telef. 34-MESSINES-telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
Estabelecimentos TRÉFLO FONTAINHAS NETO-Com. e Ind., S. A. R. L.
Telex 01433 - Teleg. TEOF. - Telef. 8 e 89 - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - ALGARVE - PORTUGAL

Crónica taurina

Integrada nas festas da vizinha cidade de Aljezur realizou-se a penúltima terça-feira uma corrida em que foram lidados 8 touros da ganadaria do marquês da Villamarta, toureiros por José Martínez Limeño, Rafael de Paula, Julian Garcia e Manuel Rodriguez.

O primeiro touro saiu para Limeño, que o recebeu por verónicas com passo estrá. O touro, grande, negro, bonito e bem armado, acomete o cavalo e leva duas puyas mal medidas. Os peões bandarilharam mal. Limeño pega na muleta, dobra o touro com passos por baixo e depois de arrematar com o de peito segue por derechazo que também remata com o de peito. O touro mete-se pelo piton direito e Limeño segue por derechazos seguidos de um passo de peito, um molinete e um passo de peito com mudança de mão. Prossegue por naturais que remata com o de peito. O touro para-se com falta de investida e dá farrascadas ao meter cabeça na flanela e o matador, por lazerninas pouco cingidas e sem expressão, abrevia a faena. Matou de uma estocada quase inteira e dois pinchazos. O touro caiu de patas arriba. Silêncio.

Ao quinto touro da tarde, bonito, negro, bem armado e bravo, recebeu-o Limeño por verónicas um tanto ou quanto atrapalhadas, pois o touro revolve-se num palmo de terreno. O matador tem medo e leva o touro ao cavalo e o picador mete-lhe três puyas. Os peões bandarilharam mal. O matador começa a faena de muleta por derechazos, muda de mão, deu um natural e saiu descomposto. Num acesso de ganas toureiras brindou-nos com uma série de derechazos muito bons que rematou com o «solá amigos» e um passo de peito. Deu ainda uma tanda de três naturais que rematou com o de peito, seguindo por lazerninas e passes de piton a piton. Perfiou-se para matar e pinchou, mas a seguir deu uma óptima estocada inteira. Recebeu palmas nos tércios.

O segundo touro tinha traplo e entrava bem nos capotes. Rafael de Paula recebeu-o por verónicas muito atrapalhadas que nem sequer rematou. O touro entra bem ao cavalo e carrega na vara, cuja puya foi demasiada. Os peões bandarilharam mal. Que mal bandarilharam estes espanhóis! Rafael de Paula fez uma faena, sem cingidas e trapalhadas. Meteu meia estocada dianteira mas o ferro saltou. Ouvem-se palmas de tango. Meteu uma inteira descaída e o touro dobrou, mais por cansaço que pelo ferimento, pois ao tentarem puntilhá-lo, levantou-se novamente. Paula tentou descabelhar mas errou o descabelho. O touro dobrou novamente e lá houve uma alma caridosa que lhe desse uma puntilhada que lhe acabou com os sofrimentos.

O sexto da tarde saiu a apalpar nos capotes e a pontapear com as mãos e Rafael deu-lhe algumas verónicas atrapalhadas com o passo atrás. O touro é manso e ao sentir a puya foge, mas de uma vez que não a sentiu apañou o cavalo por baixo derrubando-o com o picador que foi colhido sem gravidade. Valente, este, levanta-se, monta de novo e meteu a melhor puya da tarde. Os peões bandarilharam mal. O matador limitou-se a uma faena sem ligação com passes dispersos por aqui e acolá e tenta matar. Meteu três meias estocadas, uma estocada dianteira e um pinchazo, escutou um aviso e despachou com dois descabelhos. Bronca.

O terceiro touro, bem armado e negro, saiu para Julian Garcia que o recebeu por verónicas e chicuelinas muito cingidas e rematou com rebolera. Escutou olés. O touro foi muito mal pisado. Aguentou quatro puyas, nenhuma delas no seu sítio e mostrou nobreza e bravura. Bandarilharam os peões e um par foi aceitável. Garcia começou a faena de muleta de joelhos e deu três passes por alto que rematou com o de peito, já de pé. Segue pela direita e faz um toureiro à base de tremendismo, que apesar de ser valente e empolgar

o público, não consegue convencer os aficionados, conhecedores. Mas a música toca e o rapaz prossegue por molinetes, passes de peito, lazerninas e adorna-se. Despachou com uma estocada inteira e um descabelho. Recebeu duas orelhas, deu volta e agradeceu nos médios.

Toureou também o sétimo, que era bonito e grande e cabanero de cornea. Recebeu-o por verónicas e por arrimadíssimas chicuelinas, que mereceram os olés da multidão. O touro levou duas péssimas puyas e o inteligente da corrida, que devia ser o indivíduo mais estúpido que lá estava dentro, insistia para que levasse outra, não obstante os protestos do público. Os peões bandarilharam e meteram par e meio.

Julian Garcia brindou o sol, arranca três passes de joelhos, levanta-se e prossegue por derechazos e ao som da música vino-lo numa tanda de derechazos dados com os pés assentes no chão e o compasso aberto, que foi o momento mais alto da corrida, pois nesse bocadinho, Julian toureou. Ao rematar, o touro compromete-o, e voltamos ao tremendismo. Molinetes, passes de peito, lazerninas e adorna-se fazendo o telefone e um desplante de costas e de joelhos. Matou com um pinchazo e uma estocada inteira. O touro foi aplaudido no arraste. O diestro recebeu duas orelhas e um rabo, deu volta à arena e agradeceu nos médios.

O quarto touro é negro, bonito, bem armado e apalpa nos capotes. Manuel Rodriguez recebeu-o com as mais belas verónicas que vimos nesta tarde, que remata com rebolera. O picador cita. O touro arranca-se e derruba cavaleiro e montada. Servados os ânimos e o cavaleiro em cima do rocim, que deu meteu-lhe uma puya atrasada que partiu o touro, o que aliado à sua mansidão o fez refugiar-se na barreira, pelo que os peões meteram apenas um par a sego. Com a muleta nada fez, porque o touro, por ter sido mal picado, ficou sem investida. Matou com dois pinchazos, meia estocada dianteira e três descabelhos. Silêncio.

O oitavo touro saiu dos currais cheio de traplo e Manuel Rodriguez, nitidamente cheio de medo, recebeu-o por verónicas atrapalhadas e levou-o ao cavalo. O touro aguentou quatro puyas que foram demasiadas. Os peões meteram dois bons pares. Com a muleta, Rodriguez limitou-se a passes de tenteio, sem ligação e despachou com um pinchazo e uma estocada dianteira. Ovação.

Continuamos a insistir, na mesma tecla, de que os touros devem ser picados com conta, peso e medida e não de maneira a ficarem completamente destruídos.

Dos matadores em praça, apenas Julian Garcia diligenciou fazer alguma coisa; todos os outros tiveram faenas para esquecer.

Vítor de Veitros

Emídio Sancho

Médico especialista

Doenças das Crianças

Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada

Cons.-R. R. N. Teixeira Soares, 8-1.º

Telefone 22 867

Resid.-Tels. 22058-42283 F A R O

SOPAL PORTO LISBOA FARO

DECORAÇÃO
REVESTIMENTOS
EQUIPAMENTO

Praça Alexandre Herculano, 37 — FARO

SOPAL

exija **MACIEIRA** Brandy

RESERVAS DESDE 1885

Episódios de outros tempos

(Conclusão da 1.ª página)

Hoje, por exemplo, teimei em recordar as horas felizes que passei nas minhas funções de presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, a seguir ao movimento revolucionário do 28 de Maio, missão que aceitei por muita insistência, que não por me julgar com competência para ser, na Câmara, um Pombal. Fiz sacrifício em prol da minha terra, pois tinha então a minha farmácia para atender e esta começou logo a ressentir-se dos reflexos das minhas constantes ausências, enquanto cumpria funções oficiais: idas constantes ao Governo Civil, a Faro, visitas de funcionários graduados, do país vizinho e as visitas importantes dos nossos ministros. Ao recordar estas últimas resolvi vir contá-las a alguém que talvez possivelmente esteja a ler-me.

Os nossos ministros vinham de Lisboa, de passeata pelo Alentejo, provando os belos queijos e o bom presunto; fartos de calor, começavam a sorrir à paisagem algarvia, de mais agradável temperatura, e desciam até nós, até ir mirar-se no espelho azul do nosso murmurante Guadiana. Eu tinha então de a luja-luja, enviar convites às entidades oficiais, locais e de Faro e correr ao Grande Hotel Guadiana, para combinar com o seu «maitre» os almoços ou jantares para tão conspícuos comensais.

Mas a mais interessante destas visitas foi a do nosso ministro do Comércio, de então, coronel Teixeira tal e tal, apelidos que a minha memória deixou escapar. Que no período pessoa tão afável e cativante, isenta de qualquer vislumbre de prosápia. Foi este ministro um pouco infeliz na sua viagem pela terra algarvia. Eu conto: em Tavira, por exemplo, a Câmara proporcionou-lhe um ameno passeio às Quatro Águas. Bonita ideia, não há dúvida. O pior foi que, quando o ministro, ao regressar a terra firme, desceu do barco por uma prancha, esta partiu-se por não poder suportar o peso ministerial, mergulhando o ministro até quase à cintura na fresca água do Gilão. O incidente foi logo remediado não sei bem como. Possivelmente qualquer camarada (Tavira é terra de militares) acudiu com umas pantalonas. Eu não assisti, reproduzo apenas a informação recebida. Vem o ministro para a Vila Real estas, como dizem os rapazes das nossas ruas, e entro eu em cena. Na sala nobre da Câmara Municipal, sem papelinho na mão, atiro-me ao momento grave da saudação oficial em nome dos meus conterrâneos, preocupado em não dizer algum disparate de maior tomo, e ao chegar ao final da minha despretensiosa oração, encho bem os pulmões para as vivas sacramentais: Viva a República! Viva a Pátria! E... viva o sr. ministro do Comércio! «Tableaux!» Tinha que ser, na ânsia de safar-me da «crascada». O ministro foi então a benevolência personificada, olhando para mim e sorrindo-me compreensivo. Eu tomei a liberdade de sorrir também. Que me mandara meter em tais assados, como se fosse um Cícero!?

Há coisas engraçadas, nestas ocasiões: Seguiu-se o jantar, no Grande Hotel Guadiana. «Maitre» Wissemann devidamente «enfraçado», correctíssimo. Os convidados vão tomando os seus lugares, após o ministro, o governador civil e a minha forçadamente importante pessoa. Nisto, aparece, de casaca, um cavalheiro alto, magro, uma espécie de cipreste, que já na Câmara Municipal tinha intrigado toda a gente por não saber-se quem era ou o que representava ou pretendia representar, sempre no meio da comitiva ministerial. Nem o próprio coronel Pires Viegas, que fora governador civil e conhecia milhares de pessoas, cheio de relações em todo o Algarve, e que me disse: «É uma figura misteriosa. Só se algum detective ou guarda-costas do ministro». Fraco guarda-costas! A mim, dava-me a impressão, na sua magreza, as abas da casaca muito longas a escorregar pelas longas pernas, de um esqueleto com licença do Alto de São João, ou dos Prazeres. Talvez dos Prazeres, se atentarmos na pressa com que se metia no primeiro automóvel sem ninguém o chamar e com que tomava com toda a natu-

ralidade lugar à mesa dos banquetes. Não falava com pessoa alguma. Ao tomar o seu lugar, hirtó, solene, fazia uma vénia tão triste que parecia ir jalar à beira de uma campã, mas não falava, atirava-se à sopa com sofreguidão.

Nada, a coisa não podia ficar assim. Quem era o defunto ambulante? Fui procurar «maitre» Wissemann, que também não conseguira saber quem era o homem misterioso! «Bem, sr. Wissemann — disse-lhe — amanhã, ao almoço, faz favor de retirar um talher e a respectiva cadeira, e, se ele reclamar ou protestar, eu irei atendê-lo e tudo ficará esclarecido; saberemos quem é». Pois, senhores, o homem veio, parou no umbral da porta, passou o olhar em torno dos convivas, fez a vénia do costume, foi para dentro, subiu ao quarto e voltou com uma maleta na mão, sempre naquele passo funéreo, e desapareceu. Quem era?

Ainda hoje estou por saber! Seguiu-se o discurso do presidente da Câmara, outro discurso do ministro agradecendo a recepção que lhe fora dispensada por Vila Real de Santo António, terminou o almoço com os vivas do estilo e a seguir, formou-se o cortejo para acompanhar sua excelência na visita oficial a Castro Marim. Resolvi ir no carro da frente, para prevenir qualquer coisa ao meu colega daquela antiquíssima vila. O ministro ia no terceiro ou quarto carro, acompanhado pelo eng. Sebastião Ramirez. Eis o que se passou, então: ao chegar em frente da igreja da Senhora dos Mártires, de um muro cheio de senhoras, (íamos em carros abertos) despejaram sobre mim uma chuva de flores, apesar de eu, de pé, indicar por vozes e gestos que não era o ministro e que este vinha num carro atrás. E claro que não agradeci as flores, e seguimos, parando à porta dos Paços do Concelho. Lá estava a banda de música local, que rompeu logo com a «Portuguesa», embora eu, de braços abertos e de pé no carro, fizesse sinais para parar a música. A frente desta, o meu colega (de farmácia) Ildefonso Valério Mendes, de flauta nos lábios, prosseguia com o resto dos executantes, o Hino Nacional e eu a gritar: «pare com isso, colega! Espere!»

Chegou o auto com o ministro. Cumprimentos à porta da rua e logo a seguir um senhor, creio que Costa, empurrava a porta para mostrar o museu camarário em gestação: duas balas esféricas com que jogaram os manos D. Pedro e D. Miguel para a conquista da taça... digo: da coroa portuguesa; um mosaico desencantado no castelo e um pedaço de pedra, nada simpática.

A seguir subiu-se à sala nobre, no primeiro andar, onde longa mesa estava emoldurada por cidadãos de respeitáveis barbas capazes de deixar a perder de vista, as já históricas do nosso D. João de Castro. Estes senhores tinham à sua frente um menino concorrente aos bolos. Falou o presidente, Jacinto Emídio, em estilo «gótico» dificilmente compreensível; seguiu-se o agradecimento do ministro. Os bolos começaram a desaparecer. O presidente voltou-se para o ministro: «Então! Vá lá, sr. ministro; mais um bolinho; olhe que estão muito bons... são caseiros!» Eu

e o eng. Sebastião Ramirez já não podíamos suster o riso, que disfarçávamos com uns caricatos sorrisos!

O ministro aceitou o convite para subir ao castelo. Subimos todos, de tropel, porque sua ex.ª, oficial ginecologista, pregou a partida, descendo a escada a correr e com a mesma velocidade subiu a encosta do castelo, colocando-se lá em cima, na porta, a receber os visitantes; todos deitávamos os bofes pela boca, e as barbas negras pingavam suor... E assim acabou a visita do ministro.

Pouco tempo depois, consegui a exoneração do cargo, que entreguei ao novo governador civil meu falecido amigo dr. Miguel Ramalho Ortigão.

Lancei vista curiosa pela vila. O que fizera? Nada! Reparei só que o cemitério municipal estava mais limpo e civilizado. Um mercado de abastecimentos funcionava, tendo sido poupados às soalheiras do Verão e às chuvas tempestuosas, os pobres vendedores da Praça Marquês de Pombal; e encafeiei-me na botica!

Alvaro Magno Guerreiro

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Combustíveis

Edital

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que a Shell Portuguesa, S. A. R. L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 3 000 litros, sita na Quinta do Ribeiro, freguesia de Alvor, concelho de Portimão e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 8 de Setembro de 1970.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,

Mário da Silva

TINTAS «EXCELSIOR»

Vende-se

Prédio rústico, denominado «FAZENDINHA», no sítio do Bernardino, freguesia da Luz de Tavira, que consta de terra de semear de sequeiro e regadio, nora, tanque e levadas, diverso arvoredo e casas de caseiro.

Tratar com Maria Elete Nobre — R. Dr. Miguel Bombarda, 30 — Tavira.

Residência «SANTA SOFIA» para ESTUDANTES

Dirigida pelas Religiosas do Sagrado Coração de Jesus

Rua dos Bombeiros Portugueses, 16 — FARO

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servido por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDE-SE BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA FARO Estrada da Penha

Pense no futuro aplicando o seu dinheiro na compra de propriedades

J. PIMENTA, SARL
com 5000 clientes satisfeitos

oferece-lhe a garantia duma longa experiência e duma vasta obra efectuada

Apartamentos Mobilados desde 150 Contos

Paço de Arcos — junto de Lisboa e do mar é o local privilegiado

LISBOA: Fr. Marquês de Pombal, 15-1.º — Telef. 4 38 43-4 76 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 93 20 21 / 22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: — Bairro Comendador Joaquim Mattos Telef. 2 43 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infanteria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

Poderá o alumínio substituir a folha de fiandres nas embalagens de conservas?

(Conclusão da 1.ª página)

Portugal. Até agora, aderiram ao empreendimento duas unidades da indústria conserveira algarvia. Muito brevemente serão feitas experiências no Norte e, dentro de algum tempo, a fabricação da embalagem, que envolve algum grau de precisão, já poderá ser feita no nosso País.

O Centro de Investigação Científica do Instituto Português das Conservas de Peixe estuda, ainda uma outra embalagem de complexo alumínio e polipropileno, para ser aberta com um canivete.

As novas embalagens de alumínio, que em breve começarão a ser vendidas em diversos mercados mundiais apresentar-se-ão acondicionadas em caixas de cartão.

Está a ser construído o edifício-sede para a Casa dos Rapazes de Faro

(Conclusão da 1.ª página)

devida uma palavra de apreço pelo seu esforço, dedicação e boa vontade em prol da gente moça algarvia em situação difícil.

Mas o que antes não passava de um sonho, é já uma realidade a despontar. Nos terrenos do Bom João de Cima, na Estrada do Molinho da Palmeira, surgem as paredes primárias do que vai ser o edifício-sede da Casa dos Rapazes de Faro. As obras importarão em três mil contos, escalonadas em duas fases. Nesta primeira fase serão construídos os sectores de mais urgente necessidade, tais como: camaratas, sala de refeições, cozinha, enfermaria, serviços administrativos, convívio, sanitários, etc.

A segunda fase compreende o parque de jogos, arruamentos, tanque para aprendizagem da natação, etc. O projecto do imóvel, de linhas modernas e concepção funcional, foi trabalho conjunto da direcção, que é constituída pelos srs. Hélder Martins do Carmo, presidente; agente-técnico João Caeiro de Matos Junça, secretário; Vítor Cunha, tesoureiro; eng. Aníbal de Brito e rev. Joaquim Jorge de Sousa, vogais, com maior assistência do sr. Matos Junça.

Para a realização do projecto, conta a Casa dos Rapazes com subsídios da Direcção-Geral de Assistência, Fundação Calouste Gulbenkian e Governo Civil de Faro, além das verbas em fundo, que para o efeito proporcionaram as Festas da Cidade, organizadas pela anterior direcção. E de interesse registar que paralelamente ao recréio que então com as festas se proporcionava ao público farense, se possibilitou importante pecúlio

As águas poluídas do Arade exalam um cheiro pestilento e matam toneladas de peixe

(Conclusão da 1.ª página)

esta razão, não podemos deixar de estranhar que no ano em curso, aliás designado de «Ano Mundial de Protecção à Natureza», e à semelhança do que tem acontecido nestes últimos anos, mais precisamente desde que nos arredores de Silves começou a laborar a fábrica

Máq. Cost. Husqvarna

Dão-se agências nas localidades disponíveis. Importador — Rosário e Marques — Rua Soc. Farmacêutica, 43 — r/c Dt.º Lisboa-1.

para uma obra que mais do que a uma terra, interessa a toda uma província. Outro pormenor ainda a anotar é o de que a construção da Casa dos Rapazes de Faro é feita por administração directa, para aproveitamento dos contributos do comércio e da indústria.

«Uma casa para a Casa dos Rapazes», eis uma velha aspiração prestes a transformar-se em realidade.

Aluga-se ou Vende-se

Casa acabada de construir, muito moderna, com ou sem mobília, na praia de Cacela, a 1 km. da Estrada Nacional.

Informa-se neste jornal, ou na Rua José Francisco Guimarães, 59 em Vila Real de Santo António.

Vende-se Empregada

Prédio 1.º andar e bom quintal com a área total de 390 m² na Rua José de Matos, 72 em Faro.

Resposta ao apartado 2110 Lisboa-2.

de concentrados de tomate, o rio Arade volte a ter as águas completamente poluídas, exalando um cheiro pestilento e matando toneladas das suas variedades de peixe, que passam boiando na corrente e vão espalhar-se nas margens, a apodrecer ao sol, atraindo legiões de insectos de todas as espécies.

Não compreendemos a razão por que as autoridades competentes, nas barbas das quais esta anomalia acontece, não tenham ainda posto cobro a tal situação, que se repete há quatro anos consecutivos, e tanto martiriza não só os camponeses, moradores na área do rio, como os habitantes da cidade que em certas noites de Verão, nem podem abrir as janelas, porque o cheiro nauseabundo lhes invade a casa. Por outro lado, o extermínio das variedades piscícolas do rio, representa um largo prejuízo para a riqueza nacional que as autoridades têm o dever de defender, assim como a saúde pública e o bem estar dos cidadãos.

Também o turismo do Algarve, que ultimamente tem merecido tanto interesse ao Governo e do qual a economia portuguesa, tanto espera, é altamente prejudicado com este estado de coisas, pois os turistas que visitam a região e os monumentos da cidade, fogem a sete pés com receio de morrer asfixiados com tal pivete.

Se a origem do mal está, como dizem, nos resíduos que a fábrica de concentrados de tomate lança no rio, é evidente que se deve obrigar a fábrica a fazer passar esses resíduos por uma estação de tratamento, antes de os lançar ao rio, pois havendo já essa possibilidade, nada há que justifique que os resíduos sejam libertados sem serem devidamente tratados.

Que o assunto possa ser rapidamente resolvido é o que se deseja, a bem da saúde pública, da riqueza nacional e do prestígio da região.

Silves, Setembro de 1970

Joaquim Francisco da E. Sequeira

MINIALFA — 1 E 2
A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL
«SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas
Electrobombas para água sob pressão
Electrobombas para vinho e líquidos especiais
MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
Rebobinagens — Balastres
IREL — Rua de S. Mamede (ao Caldas) 30 G — LISBOA

FIOS PARA TRICOT
A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochet Nacionais e Estrangeiros.
Venda directa ao público ao preço da fábrica.
Lã escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, roblon, cardinil, cordonet, perlé, e argolinha. Algodão para colchas a peso, rãzias perlapont etc.

Fazemos descontos às senhoras tricoteadeiras.

A. NETO RAPOSO, LDA.

Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropolitano — Telefone 326501.

Conjunto Musical

Trio ou pequeno conjunto.

Para actuar privativamente em Boite.

Resposta ao HOTEL JÚPITER — Telf. 1241

--PRAIA DA ROCHA.

RENEEL IMPERMEABILIZAÇÕES FARO
DE TERRAÇOS R. DO SOL, 20
40 ANOS DE EXPERIÊNCIA LISBOA — PORTO — FARO TELEF. 24166

COMUNICADO

APARELHOS PARA SURDEZ

Informa-se que se deslocará ao Algarve um especialista de Lisboa em aparelhos para surdez que efectuará sem qualquer despesa ou compromisso, experiências com aparelhagem auditiva mais moderna verificando também a adaptação das próteses já fornecidas.

★ PORTIMÃO: No domingo, 4 de Outubro, no Hotel Globo, das 15 às 17 horas.

★ LOULÉ: Na segunda-feira, 5 de Outubro, na Pensão Residencial Avenida das 10 às 11 horas.

★ FARO: Na segunda-feira, 5 de Outubro, na Pensão Residencial Condado, das 15 às 17 horas.

Uma ideia que interessa ao Algarve: a Associação de Escritores e Jornalistas

(Conclusão da 1.ª página)

antes de proposta a sua oficialização.

Porque tenho algumas ideias sobre o assunto, não quero deixar passar esta oportunidade sem as expressar. Assim, parece-me importante considerar:

Primeiro: A Associação deveria admitir unicamente escritores e jornalistas algarvios e não algarvios residentes há mais de um ano no Algarve, não devendo considerar-se escritores os autores de livros técnicos e didácticos, monografias ou de quaisquer publicações de carácter comercial ou estatístico, nem jornalistas autores de artigos sobre identidades temas. De qualquer modo, a admissão deveria depender de parecer favorável de uma comissão que estudaria o «curriculum» e as provas apresentadas pelo candidato no acto da sua propositura para sócio.

Segundo: Deveriam os Estatutos fixar um limite para as reeleições de cargos directivos para evitar os efeitos perniciosos que os longos mandatos introduzem nas instituições, por falta de renovação e de arejamento, e para permitirem oportunidades aos novos valores que em cada geração vão surgindo.

Terceiro: Deveria ficar estabelecida a obrigação de levar a efeito, anualmente ou bienalmente, um grande festival literário, de âmbito internacional, com prémios distintos para nacionais e para estrangeiros que tivessem escrito sobre o Algarve. Esta iniciativa daria ainda mais brilho à florescente campanha do desenvolvimento turístico em que as entidades oficiais e os algarvios se empenham.

Tradição que se cumpre nas Caldas de Monchique

CALDAS DE MONCHIQUE — Tem já oito anos de existência a devoção dos aquistas das Caldas de Monchique, traduzida numa procissão que sai da sua capelinha, encastelada entre fontes e verdura de trepadeiras, a 12 de Setembro de cada ano. Uma comissão constituída pela sr.ª D. Madalena Cordeiro e sr. José Amândio Guerreiro Corrêa, cumpre a tarefa de tudo preparar e organizar, com a colaboração activa do estabelecimento termal, para que a homenagem à Senhora de Fátima resulte digna. Pelas pensões e dormitórios distribuem-se folhas de subscrição, que os hóspedes vão preenchendo de boa vontade, na medida das possibilidades de cada qual, cujo montante serve para prover às despesas que a cerimónia acarreta.

No dia 12, com o céu limpo e um ligeiro vento a embalar as ramagens dos parques, celebrou-se missa vespertina, no alpendre da capela, com ar festivo nos festejos de heras e nas nuvens de flores que enfeitavam o andar, aos cuidados de senhoras que não se pouparam a esforços para que tudo decorresse com o brilho desejado.

Foi celebrante o rev. Fonseca Marcos, professor do Seminário do Fundão, assistido o rev. Sutelio dos Santos do Seminário de Faro, com um grupo de Guias de Portugal. 1.ª Companhia, daquela cidade, acampadas nas redondezas.

Após a missa, começou a organizar-se a procissão, com a cruz e respectivos ciriais, seguindo-se o dr. Guilherme Lourenço Pinheiro, juiz na Boa Hora, as Guias de Portugal com o assistente, o andar entre seis lanternas, o dr. Manuel Rodrigues Clarinha, director clínico da estância balnear, outras entidades, tudo entre alas de povo com os seus fachos em punho.

Lentamente, entre cânticos, o préstito desceu à esplanada do Central, subiu a estrada até ao cruzamento de Monchique e recolheu à capela, onde o sacerdote lançou a bênção sobre os numerososromeiros, tanto da estância como dos casais vizinhos. — C.

Precisa-se

Concessionário das Máquinas de Cost. Husqvarna para o Algarve. Precisa-se. Importador — Rosário e Marques — Rua Soc. Farmacéutica, 43 — r/c Dt. — Lisboa-1.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

surgiu nos nossos dias, a bordo dos grandes transatlânticos aéreos. Aviões de passageiros são frequentemente assaltados e desviados para outros aeroportos. O objectivo é político, mas isso não tem impedido os grandes prejuízos das companhias, algumas das quais têm perdido os aparelhos.

Há poucos dias, três aviões, com cerca de trezentos passageiros, foram desviados pelos comandos palestinos para o deserto da Jordânia perante os protestos oficiais e a indignação de todo o mundo. Todos conheciam os autores do golpe que actuaram impunemente, mesmo com a cumplicidade dos países que lhes dão abrigo.

Este foi o caso mais flagrante de pirataria organizada dos nossos dias. O golpe foi repetido três vezes em 24 horas com intuídos políticos de libertação de prisioneiros árabes detidos em diversos países. Até se falou na soltura do assassino de Robert Kennedy, preso numa prisão dos Estados Unidos. Claro que as coisas não correram com a facilidade desejada de parte a parte e, neste momento, os palestinos já devem ter chegado à conclusão de que não é assim que servem a sua causa. A sua acção clandestina, envolvendo entidades que nada têm a ver com a sua política, coloca-os numa posição antipática perante os próprios países que tentavam compreender a sua acção. Além disso, a repetição dos actos de pirataria aérea torna-se perigosa para as companhias que verão reduzido o número de passageiros, os quais pensarão agora duas vezes antes de entrar num avião, exigindo medidas especiais de segurança que já estão a ser tomadas por várias nações.

Falta agora uma legislação internacional severa que castigue os piratas dos ares, como outrora aconteceu com os corsários do Mar das Caraíbas.

Mateus Boaventura

Barco de Pesca Vende-se

C/ 14 m., 3 anos, motor Cummings 142 H. P. Trata: Joaquim Mamede — Telef. 99476 — PENICHE.

COMPARTICIPAÇÕES

Foram concedidas as seguintes participações: 60 contos, à direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro, para reparações no edifício da sede daquele Sindicato, em Olhão; 25 contos (reforço) e 150 contos, à Câmara Municipal de Aljezur, para o caminho municipal n.º 1008-1, do caminho municipal n.º 1003 em Montes Galegos ao caminho municipal n.º 1004, em Arrifana, respectivamente 2.ª e 3.ª fase; e 383 500\$ à Câmara Municipal de Faro, para o caminho municipal n.º 1809 (construção do lanço entre a estrada nacional n.º 2 e a estrada municipal n.º 520, em Mata Lobos) 4.ª fase.

Bolsas de Estudo

A Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve oferece-lhe

Uma bolsa de estudo que lhe proporcionará o dinheiro suficiente para poder permanecer em Faro e frequentar os cursos de:

- ★ Bar
- ★ Cozinha
- ★ Mesa

Estas interessantes profissões são as que a Indústria Hoteleira mais necessita pelo que lhe dão boas perspectivas de colocação fácil e bom salário.

Para mais informações dirija-se à Secretaria desta Escola na Rua do Letes, 32, em Faro Telefone 22083/84 ou na sua secção de Portimão, na Rua Júdice Fialho, 45 — Telefone 651

Uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser O SEU WHISKY



o mestre entre os whiskies

Um produto da rede distribuidora PROLAR DEPÓSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 287 PORTIMÃO telef. 148-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Estab. TEÓFILO FONTAINHAS NETO Com. e Ind., S. A. R. L. Telex 01693-Teleg. Teof-Telef. 8 e 89-Caixa Postal 1-S. B. MESSINES-Algarve-Portugal



Valioso contributo da Gulbenkian para o Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

cia. Mas o Grupo de Teatro do Circulo prossegue na sua missão com entusiasmo e querer. Agora conheceram verdadeiro estímulo, daqueles que em paralelo com a sua valia material, traduzem apreço e compreensão. A Fundação Gulbenkian cedeu ao Grupo mais de cinquenta contos em material lumino-técnico (16 projectores, 2 órgãos de luz, etc.). Dele bem se necessitava e nulas ou remotas eram as possibilidades de o adquirir. Daqui que se compreenda a valia desta oferta na promoção cultural da província sulina e que se entenda o sincero «obrigados» à Fundação Gulbenkian transmitido pelos dedicados elementos da útil colectividade algarvia.

Esperam eles ainda que outro problema encontre a desejada e necessária solução. O aluguer da sala onde funciona o Teatro-Estúdio era custeado por subsídio da Câmara Municipal de Faro. Este foi reduzido em 50 por cento, mas a renda permanece igual e as disponibilidades do Grupo são a boa vontade (que não basta) dos seus dirigentes. Daqui que ao apelo fel-

Importante achado arqueológico nos arredores de Silves

(Conclusão da 1.ª página)

ele, incansável investigador, que mencionou na sua obra de Paleontologia, «Antiguidades monumentais do Algarve — Tempos pré-históricos», os vários «menhirs» encontrados nos arredores de Silves, «numa zona superior a 10 quilómetros, que medeia entre o Monte da Pedra Branca e a Cumeada, de São Bartolomeu de Messines».

O menir agora achado, que será o quarto, a juntar-se ao conjunto do Monte da Pedra Branca, tem um comprimento aproximado de dois metros, com noventa centímetros de diâmetro na parte mais larga, pouco mais ou menos, conforme o esboço que se reproduz, apenas para que se faça uma ideia da sua forma e dos ornamentos, que são em relevo.

Aproveito esta oportunidade para lembrar, mais uma vez, à direcção do Grupo dos Amigos de Silves, que são inúmeros os objectos acha-

dos em Silves e muitos foram levados por mãos estranhas ou desconhecidas para outras terras, por falta de um museu.

Hoje, mais do que nunca, em virtude dos milhares de turistas nacionais e estrangeiros que visitam os monumentos da histórica cidade, que são os mais importantes do Algarve, torna-se urgente fundar, a sério, o museu, que se poderia chamar Museu Regional de Silves, porquanto, há muitos amigos da cidade, colecionadores de antiguidades, que estão generosamente decididos a fazer oferta dessas preciosidades ao futuro museu. Elas, certamente, hão-de constituir interesse e encanto a tantos que as contemplem, como maravilhados ficarão perante a beleza natural que envolve e engrinalda este recanto geométrico de pedras velhinhas que falam à alma de quem as escuta e compreende, dentro da sua História, das mais curiosas e brilhantes do País, berço de raças que lhe consagraram nome imorredouro.

Isto porque se trata da Silves-Arábica, tantas vezes esquecida e desprezada, mas que em sua angústia, resignada, nobremente, tranquilamente, conscienciosamente, tem sabido sorrir sempre, como mãe sem idade, lembrando a quem de direito o dever, se não de erguê-la, ao menos de acarinhá-la.

Manuel de Sousa

IMAAL MÁRMORES

O nosso Mármore não é caro! Consulte-nos!

IMAAL — Indústria de Mármore do Algarve, S.A.R.L. Fábrica e Escritórios em Sargaçal — Lagos Telefones 284 - 299 - 480 Telex 1744

VISITE EM QUARTEIRA O RESTAURANTE ISIDORO O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional
director técnico: ISIDORO
PRATOS DO DIA

Bife de Atum à Barraca
Sardínhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Lavagante

Lagosta
Feijoada à Barraca
(ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Pácará
Doce Regional

E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS

CORREIO de LAGOS

NAO SERA POSSIVEL ENCONTRAR
SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS
DO ABASTECIMENTO DE CARNE E
LEITE?

Em Lagos e noutras localidades avolumam-se os problemas, inclusive no respeitante a abastecimentos, talvez porque não se estuda convenientemente a fórmula para os resolver.

Recentemente a fiscalização encontrou em falta um talhante que vendia carne de vaca a preços superiores aos estabelecidos. Não procurámos saber o que se passou com o talhante. Sabemos porém que a carne de vaca esteve ausente durante alguns dias com prejuízo dos consumidores. Já temos defendido que a venda de carne de vaca seja inteiramente regulada e fiscalizada pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários com o fim de garantir direitos de produtores e consumidores, visto que os talhantes para justificar preços superiores aos tabelados, baseiam-se sempre no custo da produção, quando esta chega em determinadas épocas a ser vendida ao desbarato.

Porque não tentar o que citamos, se está mais ou menos comprovado que em centros como Lisboa apesar da intervenção dos marchantes as coisas se processam com mais equilíbrio? O leite, que em Lagos outrora abundou vai escasseando a ponto de em determinados dias só as "caras bonitas", o conseguirem. Vem até nós muitas pessoas carecidas de tal produto, no sentido de advogarmos processo de venda que permita equilíbrio na distribuição, inclusive pelo sistema de cooperativismo. Ora, em Lagos constituiu-se há muitos anos cooperativa de lactínios, que não chegou a funcionar por egoísmo de elementos da direcção desta. O título da constituição da mesma deve existir no Grémio da Lavoura local, e se de facto existem produtores de leite capazes de unirem para defendendo os seus direitos, garantirem ao mesmo tempo os dos consumidores, não será descabido irem junto dos que presidem aos destinos do Grémio para que se interessem no sentido de dar vida à cooperativa de lactínios criada quando a produção de leite era superior às necessidades da cidade.

Pelo sistema de cooperativismo é possível o aproveitamento máximo do produto, podendo assim conseguir-se mais proveitos para os produtores sem prejuízo dos consumidores.

De elementos que outrora deixaram a cooperativa em ponto morto, ainda existe o mais egoísta, mas por afastado do nosso meio, é natural não sirva de obstáculo a que outros a activem.

A FESTA DA SENHORA DA PIEDADE
NÃO RESULTOU COMO SERIA DE
DESEJAR

talvez porque na classe marítima se peca por falta de organização, a festa da Senhora da Piedade subsidiada por essa classe, não resultou. Os descontentes avolumam-se porque os mestres e armadores, a partir de determinada data, resolveram que do «monte» fosse retirado algo para a festa, que pudesse igualar ou superiorizar outras que à beira-mar se vêm realizando com honra para todos. Aconteceu porém que na altura da festa, dos cobres amealhados para o efeito, só uma pequena parte estava em poder do pároco, e como não consta haver comissão organizada, aquele, não podendo fazer milagres, limitou-se às cerimónias litúrgicas e à procissão, tendo acertadamente feito constar que, dado o ínfimo montante, em seu poder, não lhe era possível ir mais além.

Permitimo-nos lembrar, pois, que de futuro, se organize uma comissão composta por mestres, armadores e camarádas, que, de colaboração e do pároco, que não pode deixar de ser ouvido para orientar a parte religiosa, proporcione a Lagos festa condigna, quer no campo profano, quer no religioso.

Amealhar dinheiro para a festa e depois fazê-lo voltar, como já consta, aos que o deram, é pouco ou nada aceitável. No entanto, se não há comissão organizada que se responsabilize pela posse com destino a festas futuras, julgamos de praticar tal medida.

OS PROBLEMAS DA LUZ

Estamos gratos a A. S. P. pela sua carta inserta no *Jornal do Algarve* do dia 12, sobre os problemas da Luz, pois ele como nós tem a coragem de tornar público o que interessa para que a moldura de que a povoação carece se ajuste ao quadro da Natureza.

Por mais de uma vez nos temos referido aos arruamentos, pois nem um se pode considerar como tal, e aos liqui-

dos pestilentos que surgem aqui e ali. Nunca defendemos a instalação de uma bomba de gasolina, nem de melhor abastecimento de mercearias, peixe, carne e leite, mas nisso estamos absolutamente de acordo com A. S. P., que não temos a honra de conhecer, mas que pela forma como expõe é dos que deseja o progresso da Luz que de há muito defendemos.

MAIS UMA ESTRUMEIRA

Lagos, que pela posição privilegiada de que desfruta devia estar livre de estrumeiras, vê aumentá-las pelo pouco escrúpulo de alguns municípios e talvez deficiente fiscalização do pessoal que superintende no serviço de limpeza. Desta vez, notámos uma, e já de avultadas dimensões junto ao baluarte da Porta dos Quartos a destoar com a espécie de jardim que o Município teve em vista plantando ali árvores, algumas das quais podem emprestar beleza ao local, desde que os detritos desapareçam e sejam permanentemente tratadas.

Joaquim de Sousa Piscarreta

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Passou à situação de aposentado o sr. António dos Santos, escrivão dactilógrafo de 1.ª classe dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro.

Curta conversa com um artista

por Joaquim Cabrita do Carmo

Abriu ao público no princípio deste mês, no Hotel Faro, a exposição de desenhos de Rui Martins, que estará patente até amanhã.

O artista nasceu em Lisboa em 1943, tendo ali frequentado a Escola Superior de Belas Artes. Expôs no 6.º Salão de Arte Moderna do Estoril, na Galeria 48 em Lisboa (exposição individual) e encontra-se agora entre nós com um total de trinta desenhos abstractos.

Ao longo dos quadros expostos e segundo a sua numeração, verifica-se a abstracção ou estilização de «motivos», que o artista define na sua terminologia como a maioria dos barcos de pesca algarvios. Rui Martins define no catálogo o seu ponto de vista com a frase: «A passagem do real ao abstracto está no modo como se encara a realidade ou no modo como a nossa sensibilidade deseja abstracções».

Sendo um «explorador» do abstracto, não como refúgio mas como necessidade de realização, é Rui um artista digno de apreço, embora muita gente desprovida de glória artística assim não pense. De autêntica vanguarda pictórica, com ele travámos pequeno diálogo em que se disse o que se pensava e de que o leitor poderá fazer a sua interpretação. Utilizando as suas palavras, pinta tentando encontrar-se a si próprio, na relação homem-mundo e encara a arte moderna como uma necessidade do homem actual.

Adiante, acrescenta, quanto ao artista moderno... «Só se refugia na arte moderna aquele indivíduo que não é artista, porque o verdadeiro procura-a por necessidade de realização».

Retomando a interrupção, pergunto-lhe qual o seu fim no abstracto, a que

prontamente responde:

— Tonto uma procura do belo na arte abstracta, a qual vivo, tento procurar o belo pelo belo, no qual o quadro vive por si só.

— E em parêntesis de explicação, acrescenta — No nu, um indivíduo é levado a aceitar o belo do modelo, enquanto no abstracto existe o belo pelo belo... A pintura abstracta deve sobreviver no belo, não no primitivo, mas no actual.

— Enquadras a arte moderna portuguesa na internacional?

— Apesar da arte ser uma linguagem internacional... Na cor, talvez por uma questão de clima artístico e social, ou pelo temperamento das virtudes de traço, a arte moderna portuguesa é realmente distinta.

— Acha que a arte moderna é um reflexo social?

— Talvez não. Talvez seja uma resposta a uma evolução intelectual e técnica.

— Dentro do teu estilo, achas que tentas comunicar?

— Por uma questão de deficiência de educação estética do povo, a maioria das pessoas é difícil comunicar. Deveria começar-se na escola primária com uma educação artística que dotasse o indivíduo para gostar, interpretar e interessar-se em matéria de arte.

— Que dizes à ideia da criação de uma escola de iniciação artística no Algarve?

— Há sempre necessidade de criar qualquer coisa, incluindo, claro, o que respeita a arte. Ora, uma escola é a resposta às necessidades que a sociedade pede, e se a sociedade é, por princípio, desinteressada... há que a despertar.

— E termina afirmando: — Tonto com esta exposição fazer estremecer as pessoas, despertando-as do seu possível desinteresse.

VENDE-SE

Prédio urbano, gaveto situado Rua Dr. José Guimarães / Rua de Angola, lado nascente, Vila Real de Santo António, área aprox. 250 m²; está devoluto — Resposta ao n.º 13 403 deste jornal.

IMPRESA

«O SETUBALENSE» — Completou 40 anos de existência este prezado colega dirigido pelo sr. Diniz Bordinho Pinheiro, a quem felicitamos pela efeméride.

BOWLING TORNEIO DO ALGARVE

organizado pelo

HOTEL JÚPITER

com o patrocínio da

Comissão Regional do Turismo do Algarve

A realizar no dia 27-9-70, com início às 10 horas.

Pedidos de informações e inscrições ao HOTEL JÚPITER,
Praia da Rocha, até ao dia 22-9-70.

Notariado Português

Cartório Notarial de Castro Marim
Justificação

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação que neste Cartório e no Livro de notas para escrituras diversas número quinze de folhas cinquenta e três verso a folhas cinquenta e sete verso, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial outorgada no dia vinte e oito de Agosto de mil novecentos e setenta, na qual Carlos Fernando Moreira Paraiso de Pádua, natural da freguesia da Sé, concelho de Faro e sua esposa Maria de Lurdes Franco de Almeida Coelho de Pádua, casados no regime de comunhão geral de bens e residentes em Mira Daire, concelho de Porto-de-Mós, se declaram, com exclusão de outros, donos e legítimos possuidores de um prédio rústico, que consta de uma courela de terra de semear, com árvores, no sítio da Manta Rota, freguesia de Vila Nova de Caceia, concelho de Vila Real de Santo António, que confronta do norte com José do Carmo, do sul com areias da praia, do nascente com a estrada e outros e do poente com Casimiro da Piedade Abreu, inscrito na respectiva matriz sob quatro quintos do art. 1 208 e sob o art. 1 210 e omisso na Conservatória do Registo Predial desta Comarca.

naturais da dita freguesia de Vila Nova de Caceia, a António Joaquim Cartaxo, viúvo, natural da freguesia de Santa Maria, concelho de Estremoz, residente no Barreiro, Maria Martins Cartaxo, solteira, maior, natural da freguesia e concelho do Barreiro, onde reside, António Martins Cartaxo e mulher, Laura Martins Vicente Cartaxo, naturais da freguesia e concelho do Barreiro, onde residem, José Martins Cartaxo e mulher, Palmira Vaz Simões Cartaxo, naturais da freguesia e concelho do Barreiro e residentes em Lisboa, na Rua Actor Vale, número dezanove, primeiro, esquerdo, no dia vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e sessenta e um, no Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, escritura lavrada a folhas dez, do Livro Oito deste mesmo Cartório de Vila Real de Santo António, o qual prédio veio à posse dos vendedores por herança de sua mãe, sogra e avó, Maria da Conceição Paixão.

Está conforme o original.

Castro Marim, nove de Setembro de mil novecentos e setenta.

O Ajudante do Cartório Notarial,

Manuel Marçal de Sousa

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Diagnóstico-Roentgenotérpio

R. Castilho, 37—Tel. 22644

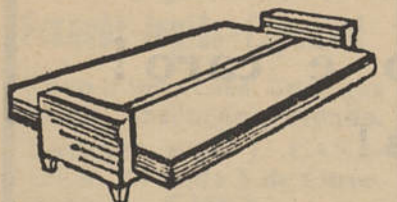
FARO

Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

VENDE-SE

Prédio de r/c e 1.º andar, com 6 e 8 divisões respectivamente, e quintal na R. Cândido dos Reis, 105, Vila Real de Santo António. Resposta ao n.º 13 417 deste jornal.

E agora também no
ALGARVE
O verdadeiro SOFÁ-CAMA
(MARLISE)



Totalmente fabricado com espuma e ainda com gavetão interior apenas por 2.000\$00

Exposição e venda na:

ELECTRIFICADORA DO SUL

Tel. 73 094 e 72 257—OLHÃO

**NOVOS
COSTUMES
NOVA
ECONOMIA**

Lançamos esta Campanha porque conhecemos o seu interesse em poupar!
(...NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO!) Com a utilização deste novo e moderno sistema do CRÉDITO ABERTO, que inclui para SI MÚLTIPLAS VANTAGENS, V. tem agora e bem à sua mão a oportunidade de obter os benefícios e vantagens da utilização dos nossos produtos electro domésticos, de grande QUALIDADE e RENOME MUNDIAL.

Peça-nos o folheto ilustrado explicativo ou telefone a solicitar informações ou a presença de um representante ELECTROLUX e... verá que compensa!

**CRÉDITO
ABERTO**

Electrolux

STANDS DE EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÃO
Rua Cândido Guerreiro, 21 - Tel. 24203 - Faro

Agradeço que me enviem o folheto
CRÉDITO ABERTO—Electrolux

nome.....
morada.....
localidade.....

enviar o cupão em carta ou postal



Mais de
40 anos de
experiência...

Em feridas
infectadas

FURÚNCULOS
E ANTRAZES

PASTA "SANO"

CONTRA A FURUNCULOSE

LABORATÓRIO "SANO", V. N. 6A/A
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.



ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Apontamento de JOÃO LEAL

Campeonatos Nacionais

I Divisão

Bom principio do Farense

Começou da melhor forma para os novos primodivisionários o Nacional da I Divisão maior. Ante um dos considerados favoritos e que ainda dias antes fizera uma partida excelente contra o Cruzelro (na Venezuela), o Farense arquivou uma preciosa vitória, por sinal a sua primeira vitória na primeira jornada deste seu ingresso na I Divisão. Os algarvios houveram-se com determinação e querer, suplantando a maior capacidade dos seus antagonistas. A vitória foi justa pois premiou a turma que maior acutilância revelou e que exibiu um futebol de melhor índole.

Sob a direcção do juiz lisboeta Maximino Afonso as equipas alinharam: S. C. Farense — Barroca; Assis, Bastos, Caneira e Atraca (cap.); Ferreira Pinto e Dany; Siqueira, Correia, Ernesto e Testas (depois Nelson Faria e Barão).

F. C. Porto — Armando; Gualter, Armando Manhica, Vieira Nunes e Rolando; Pavão (cap.) e Bené; Lemos, Abel (Chico), Pinto e Ricardo (Gomes).

Aos 23 minutos Correia fez o golo da partida.

II Divisão

A despeito da derrota, boas exhibições

Não conheceram o desejado êxito as deslocações dos algarvios alim-Vascão. Ambos perderam e pela mesma marca 2-1, mas assinala-se que tanto o Olanhense, como o Portimonense se houveram de modo a prestigiar o futebol provincial. Pelas acções realizadas persiste a perspectiva de que os dois grupos podem e devem discutir os lugares da frente.

Coube ao Portimonense deslocar-se a Tomar para enfrentar o União local, um dos despromovidos da I Divisão. E os barlaventinos houveram-se de modo a merecer assinalados comentários sobre a sua presença. Volvidos os quarenta e cinco minutos iniciais estavam em vencedores com um golo de Évora. No segundo tempo tiveram de suportar o «vendaval tomarense», mas a derrota não desprestigiou quanto os algarvios fizeram nesta jornada inaugural.

Arbitro — Henrique Silva, de Lisboa. U. Tomar — Nascimento; Raul, João Carlos, Faustino (cap.) e Barnabé; Manuel José e Cardoso; Pavão, Tito, Alberto e Fernando.

Portimonense — Dionísio; Cabrita, Miranda, Hélio e António Luis; Ramos e Afonso; José António, Évora, Lucas (cap.) e Pacheco.

Os golos foram obtidos por Évora (30 minutos), Barnabé (48 minutos) e Tito (55 minutos).

Por seu turno o Olanhense afirmou em Marvila a valia do seu conjunto. Faltará algo de acuidade, ao ataque negro-rubro, mas ele vai surgir (confia-se no poder concretizador de Renato e Simões) para que as boas exhibições correspondam as almeçadas vitórias. Ao intervalo o resultado era de 1-1.

Trespassa-se

em Lagos, c/ous/ recheio, restaurante «A Típica — Marisqueira», bem situado e bastante conhecido, por motivo do proprietário não poder dispensar-lhe a devida assistência.

Compra-se Prédio

Em Faro, devoluto, bom local, entre 3.000, a 4.000 contos. Só tratar com o próprio. Não se aceita intermediários. Resposta a este Jornal ao n.º 13434.

O Farense distingue a Imprensa

Assinalando o fim do Nacional de Futebol, o Sporting Farense promoveu ao fim da tarde de sábado uma reunião com os representantes dos órgãos informativos saudados pelo sr. João Pinto Dias Pires, presidente do clube, os jornalistas foram elucidados sobre aspectos da vida clubista, assim como das transformações realizadas no Estádio Municipal de Faro. No final realizou-se um jantar de confraternização, que decorreu em ambiente de cordial convívio.

Também no domingo e antecedendo o prélio, através da aparelhagem sonora o sr. Brito Figueira pediu para os jornalistas presentes uma salva de palmas, havendo o público correspondido de forma entusiástica.

VELA

Êxito na «Semana Internacional» em Lagos

Marece o Clube de Vela de Lagos um «bravo» de felicitações pela sacudida que deu ao marasmo (no sentido competitivo) da vela algarvia. Fê-lo com decisão e coragem ao abalancar-se a realizar a «Semana Internacional de Vela no Algarve» a que concorreram largas dezenas de velejadores de 13 clubes nacionais e estrangeiros. Os resultados das provas foram os seguintes:

Classe «Sharpies» 12 metros — classificação final do Campeonato Nacional: 1.º, P4, Pedro Loureiro; João Fernandes, do A. D. B. N.; 2.º, P85, Armando Lapa e J. Sousa Gil, da M. P. de Lisboa; 3.º, José Macarrão e Carlos Madeira, do A. D. B. N.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

Classe «Snipes» — classificação final: 1.º, António Bandeira e António Hélio, do C. N. Lisboa; 2.º, João Sancho e Carlos Monteiro, do C. N. Olhão; 3.º, João Lopes e José Manuel Barros, do A. D. Ovarense.

Classe «Bonitos» — classificação final: 1.º, José Espírito Santo; 2.º, José Manuel Pacheco; 3.º, José Almeida Borges, todos do Clube de Vela de Lagos.

Classe «Cadetes» — classificação final: 1.º, António Francisco Viegas e Carlos M. Jacinto, da M. P. de Faro; 2.º, José Amores e Mário Furtado, da M. P. de Lagos; 3.º, Julien Meyer e Adrian Meyer, do C. V. L.

Classe «Gin» — classificação final: 1.º, Joaquim Marreiros, G. L.; 2.º, Edgar Barata, C. V. L.; 3.º, Miguel Veloso, do C. V. L.

Classe de conjuntos — classificação final: 1.º, Van de Panne e Castelo Branco; 2.º, Pedro Peixeiro e Manuel Peixeiro, do C. N. L.; 3.º, Carlos Malheiro e Carlos dos Santos, do C. V. A.

CICLISMO

A equipa do Grupo Desportivo da Coelima corre amanhã em Tavira

No prosseguimento da série de festivais que ao longo da época se têm vindo a desenrolar na pista do Ginásio, actua amanhã em Tavira o Grupo Desportivo da Coelima.

Conhecida a magnífica actuação dos homens de Pevidém na última Volta a Portugal, onde alcançaram o 2.º lugar por equipas e em especial do jovem José Pereira, que no Campeonato do Mundo em Leicester (Inglaterra) reaffirmou a sua valia, espera-se animado desfrute no confronto com os jovens tavrineses do Ginásio.

Disputar-se-ão provas para profissionais, amadores e populares, coloborando também o Louletano. O festival inicia-se às 16 horas.

Elevado nível artístico nos trabalhos apresentados no «Concurso das Construções na Areia» na praia de Faro

Constituiu um verdadeiro êxito a realização do «Concurso das Construções na areia» na progressiva praia de Faro. Mais uma vez a valiosa iniciativa do «Diário de Notícias» conheceu o clima de entusiasmo e animação que lhe é peculiar, do que o elevadíssimo número de inscrições é testemunho eloquente. O júri era formado pelos srs. João Pinto Dias Pires, vice-presidente da Câmara Municipal; capitão de fragata Cortes Carrasco, capitão dos portos de Faro e Olhão e arq. Leona Faria, dos Serviços de Urbanização do Município. Presentes em representação do «Diário de Notícias» a sr.ª D. Maria Emilia Braga e o jornalista Rodrigo Pinto. O concurso foi disputado por 120 crianças sendo as seguintes as classificações finais:

1.ª categoria — 1.º prémio, Jorge Daniel Teixeira da Silva (cabeça de fardo); 2.º prémio, José Manuel Guerreiro Dias (D. Afonso Henriques); 3.º prémio, José Rosa do Nascimento Nunes (mulher a chorar); 4.º prémio, Maria Margarida Graça Guerreiro (mexicano).

Menções honrosas — Jorge Manuel Machado Mendes, Délio Carapeto Dias, Maria de Fátima Marta Lourenço, Maria Julieta Pereira da Silva, António Augusto Martins, Adelino Alberto de Oliveira Martins e João Luis Monteiro Ruivo.

2.ª categoria — 1.º prémio, Maria Filomena Pinto Belchior Coelho (cabeça); 2.º prémio, Amélia Paula Correia Faria (esquiador); 3.º prémio, Pedro José Leal Filipe (flamingo); 4.º prémio, Lia Fernanda Gonçalves Mendonça (galo de Barcelos).

Menções honrosas — Rui Manuel da Silva Rodrigues Júlio, Cristina Maria das Dores da Silva Farias, Maria Cristina Cavaco dos Santos Andrade, Maria Margarida Belchior Viegas, José António Cabrita Marques Rafael, Fernando Justino Reyes Bernardo, Carlos Cadé Teixeira, Olegário Barão da Silva e Fernando Bandeira Manuel.

3.ª categoria — 1.º prémio, João Carlos Horta (elefante); 2.º prémio, Lúcia Maria Roberto de Sousa Coelho (girafa); 3.º prémio, Maria da Conceição Guedes da Costa (indio); 4.º prémio, José Santos Mealha Guerreiro (chaminé algarvia).

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Menções honrosas — Jorge Manuel Freixial, Vitor Manuel Pinto Belchior Coelho, João Paulo Alves Dias Teixeira, Filipe Cadé Teixeira, Maria de Jesus Rufino Guerreiro, Paulo Alexandre Cavaco dos Santos Andrade e Cristina Maria Guerreiro Barracoosa.

Sem Dizer AVONDE...

Um turismo acessível a todos quantos queiram vir ao Algarve e não vêm apenas porque o Algarve é inacessível, esse é o único turismo de qualidade. A outra coisa, a que se tem chamado a salvação do Algarve já deu o que tinha a dar: estimulou a especulação (por contágio da milionaria), solidificou uma segregação inaceitável (recordam-se daquele tal que num jornal da nossa Província ousou sugerir que as nossas praias fossem divididas em duas partes: uma para os turistas, a outra para os populares? calculem!...).

É necessário então que as várias entidades administrativas do Distrito estudem o modo mais correcto de coordenar o único Turismo que interessa ao Algarve. Não se dê o caso de em vez de tudo isto ser uma galinha de ovos de ouro, passar a ser uma galinha de ouro a pôr ovos podres... A Comissão Regional de Turismo terá o primeiro gesto? Os equívocos que Torquato da Luz enérgica e objectivamente rebateu oxalá não estejam generalizados. — C. A.

ESPERANDO UMA LIGAÇÃO TELEFÓNICA

FORA da nossa actividade profissional ou da residência, raramente utilizamos os serviços do telefone, a maravilhosa descoberta de Bell, em 1876, pois apenas temos a família e uma certa carolice pela terra que nos viu nascer, que, como a mãe, é sempre nossa, e não há outra que a substitua. Acontece que por estes motivos, precisamos há dias de utilizar o telefone, para termos notícias de Paderne, onde vimos a luz do dia.

Como em Setembro, no Algarve, às nove horas se sente bem o calor do sol, resolvemos seguir o «slogan» das empresas telefónicas: — «Não vá, telefone». Assim às nove horas e dez minutos estávamos nos Correios, em Tunes, pedindo uma ligação para pessoas distantes daquela localidade aproximadamente dois quilómetros. Pois sabem

por F. Teodósio Neves

quanto tempo lá estivemos à espera, para nos perguntarem se a chamada era de urgência? Nada menos de uma hora e dez minutos. Mas como a nossa vida não se faz sem horários, desistimos, pois não se podia prever a que horas a chamada seria atendida.

Pus então em prática o contra «slogan»: Não telefone, vá! E fui mesmo, ficando assim resolvido o assunto como na era dos nossos avós, pois «quem quer vai, quem não quer manda», diz a sabedoria do povo.

Podia ter sido um tempo penoso, esse da espera pela ligação desejada, se também não estivesse ocasionalmente na estação uma senhora de uma comunicabilidade extraordinária, nos seus momentos livres de atender o público.

Um pouco orgulhosa de ter nascido no Algarve e na terra de Maria Carlota, falamos de Libânio Correia, Carlos Albino, Torquato da Luz e de tantos outros grandes amigos da Província, e do *Jornal do Algarve*, onde muitos deles colaboram. Saber esperar é uma grande virtude e sendo assim, os algarvios são das pessoas mais virtuosas que se conhecem. Em matéria de comunicações, esperam pela realização de todas as ligações rápidas, tanto rodo como ferroviárias e ainda das telefónicas, que já não servem como devem o sempre crescente movimento que se verifica ao longo de todo o ano e em especial nos meses de ponta, como agora se regista.

Não seria possível aos responsáveis pelas comunicações telefónicas no Algarve, acelerarem a total automatização da rede, pois é uma nota negativa de progresso os nossos visitantes passarem horas esperando, quando o tempo de férias é tão pouco para se distraírem e gozar as belezas da Província?

Como nós, muitos outros desistem da utilização do telefone, depois do tempo perdido, arrelas, prejuízos nos negócios e tudo o mais que daí advém, não servindo para nada o telefone e o capital nele gasto, uma vez que não pode ser convenientemente utilizado.

Terreno

Compro terreno baldio em Castro Marim, junto ao rio. Resposta a este jornal ao n.º 13 412.

CARTAS à Redacção

Um mergulho indigesto

Sr. director,

A água tépida e cristalina, convidava, e toda a família correu para mais um mergulho, na vã esperança de «matar» o calor que nos abrasava. As férias, desejadas há um ano, quando do termo das anteriores, estavam no fim. Foram, porém, esplêndidas, sem que o tempo nos atraísse; de todo o sol nos aproveitámos bem, e as últimas brizaçadas iam em curso.

Após a bela manhã de fins de Agosto, sentimos necessidade imperiosa de acomodar os estômagos em algo mais que água salgada, sol e mergulhos, pelo que nos encaminhamos para Quarteira. Ali chegados, perguntámos a um natural da terra, onde poderíamos almoçar. «Um pouco tarde, é certo, porém não de mais, — disse-nos —. Podem ir mesmo aqui de frente, que servem bem. Soubemos mais tarde, serem ele e a mulher, os donos daquele restaurante recém-aberto.

Asseada era a casa, e bem recebidos fomos pela patroa, que prontamente nos informou ser a comida caseira, mas tão boa como se fora para ela; tinha então uns carapauzinhos para fritar, de mistura com uns linguados (que foram três, pequeninos), com arroz e batatas cozidas. «Pois sim, arranjam-se lá isso, que estamos mesmo a precisar».

Aguardámos o tempo necessário para os afazeres da cozinha, e eis chegados os peixes, frescos na verdade, acompanhados das batatas e do arroz.

Verificámos que a cada um, ao todo oito pessoas, nos serviam dois peixes, duas batatas e pouco mais de duas colheres de arroz. Estava patente a boa vontade de nos servirem, duas horas após o meio-dia, pois que de início nos informaram ser já um pouco tarde; soube-nos muito bem a refeição, pois o peixe era fresco e frito no momento, e bem cozinhadas as batatas e o arroz.

e o vinho «da casa» também era bom, e fresco. Terminámos o repasto com café e brandy para todos, chamando de novo a dona do lugar para nos informar da qual a despesa feita.

Olhar indeciso, a todos mirou, um por um, dizendo seguidamente: «Estivemos a pensar, e então fica a cinquenta escudos por pessoa, ou seja, quatrocentos escudos!»

Os dois carapaus que eu tinha comido, deram um pulo no estômago, tropeçando nas batatas e no arroz, sobresaltados com tamanho susto! «Caramba — dizia um carapau ao irmão — quatrocentos paus! Teremos ouvido bem?»

Pois ouviram, sim senhor, ouviram mesmo quatrocentos escudos, sem tirar nem pôr! E porque não concordámos com o preço, fizemo-lo notar à senhora, que, contrafeita, nos cobrou apenas trezentos escudos na totalidade.

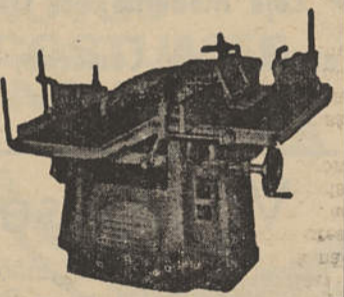
Evidentemente, o peixe está caro; a casa, aberta ao público poucos dias antes, ainda não tinha nome, segundo nos disseram; o almoço para oito pessoas, não poderia ser barato; mas o que o comemos, não justifica o que pagámos.

Não acha que foi mesmo um grande «mergulho»? José da Luz

Automóvel

Vende-se, SIMCA, modelo 1 000 — 4 220 — 1968, 44 000 km, motivo retirada. Ver e tratar, Dr. Eduardo Mansinho — TAVIRA.

MÁQUINAS PINHEIRO



A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA
Filiais
Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

Crónica inofensiva

A ESTA mesa do café; — sempre à mesa do café, como quem espera que do assento nasça a vontade, o método certo, o ritmo que denuncia esta espécie de fadiga.

Sempre o cigarro na mão, como que a esperar que do evoluir da forma abstracta surja a ideia original; de facto algo parece fumejar, mas ainda não tomou a cor rubra, o cintilar esfuziante de quando o ferro sai da forja.

A aragem quente, neste Algarve de Agosto com turistas de fora e turistas de dentro, a sorver as últimas bafaradas de ar fresco: — mas também «eles» de cigarro na boca, ainda à procura dum outro estase... o calor, o sol capaz de torrar alcagotas, incide sobre as varandas, sobre os telhados e sobre os braços dos transeuntes. Seca a alfarroba pendente na árvore, o figo no chão, seca a terra, só não seca os homens, que persistem, os que persistem, resmungando. O fumo dos cigarros ou o desenrolar duma tragédia entre os dedos das mãos cansadas de nada fazer!

Ah!... Joaquim Agostinho ganhou a Volta. Ganhou palmas. Mais um herói a ser sacrificado na mistificação, na ambição não concretizada e torcida à mesa do café. Tu!... tu não percebes nada disto... Adão Contreiras



Na inauguração de um típico «pub» britânico em Paris, intitulado «Golden Hat», consti-tuíram-se uma equipa francesa e outra inglesa que disputaram um jogo de dardos. Eis os competidores, a começar pela esquerda; as actrizes Isabelle de Funès, Jacqueline Monsigny e Dany, o coronel Peter Townsend, herói da última grande guerra, antigo apaixonado da princesa Margarida, agora muito em voga pela publicação das suas Memórias, e o actor Edward Meeks.

CRÓNICA DE PORTIMÃO

por CANDEIAS NUNES

Ainda o campismo

O SR. O'Neill, em entrevista concedida ao «Curto-Circuito» de Quarteira, julga que «o campismo não interessa ao turismo algarvio. Ora eu julgo (nós julgamos) que o sr. O'Neill não tem razão.

Porque não é certo que o campista traga tudo enlatado dos seus países de origem. O pão, os ovos, a fruta, os legumes frescos, a farmácia, as diversões, a gasolina gasta no transporte das caravanas, tudo isso e muito mais que não adianta acrescentar, é evidentíssimo que não se enlata; compra-se cá. São divisas que entram.

Podem enlatar-se, sim, e importar-se ou exportar-se segundo as conveniências, essa tal propaganda que, pró ou contra o turismo algarvio, e conforme forem ou não bem recebidos, tenham ou não a sua estadia facilitada, os campistas não deixaram de desenvolver lá fora, entre amigos, conhecidos, ou mesmo nos órgãos de informação dos seus países.

Uma boa política comercial não escolhe clientes; fomenta a procura, aceita-os donde quer que venham, vai ao seu encontro e ao encontro dos seus gostos, adaptando a oferta às flutuações e evoluções que esses gostos sofrem. Daqui o chegar-se à necessidade, ou para melhor dizer à urgência de fomentar a construção de parques de campismo no espaço turístico algarvio, vai apenas um passo. Passo que supinhamos fosse dado em breve, mas que tudo indica vai sendo (ainda) retardado.

Na hipótese de que seja a indústria hoteleira do Algarve a opor entraves à evolução do campismo na província (e as afirmações autorizadas do sr. O'Neill não desmentem esta hipótese, parecendo antes que a confirmam) parece-nos importante que os hoteleiros radicados no Algarve, que são apenas uma parte interessada no desenvolvimento turístico da Província, revejam a sua posição em relação ao assunto, isto para não dizer, pura e simplesmente, que deixem de meter o nariz onde não são chamados.

Sabendo-se que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo está na disposição de facilitar a criação de parques de campismo, sabendo-se da necessidade e rentabilidade desses parques de que, para arranque, não seria demais uma dúzia espanhola entre Sagres e Vila Real de Santo António, sabendo-se do interesse de muitos particulares em investir capitais no sector, já com requerimentos entrados nas Câmaras Municipais a aguardar deferimento anos e anos, sabendo-se tudo isto, estranha-se uma vez mais a demora no arranque e, sobretudo, que alguém possa vir ainda à TV fazer a afirmação de que «o campismo não interessa ao turismo algarvio».

Então o que interessa? Colocar um cartaz em Alentejo a informar de que aqui é território vedado ao campismo!...

O JORNAL DO ALGARVE vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza — Rua Teófilo Braga.



PRONTO PARA O SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE

BRISAS do GUADIANA

Movimento na fronteira vila-realense

C OINCIDINDO com as festas de Vila Real de Santo António e quase com as de Monte Gordo, as festas de Alentejo registaram também este ano larga frequência de portugueses, que só num dos estabelecimentos bancários vila-realenses compraram, num dia, para cima de um milhão de pesetas.

No desejo de facilitar o regresso aos nossos compatriotas, e de atender ao crescente movimento que na fronteira se vem registando, a empresa alentejana que explora os transportes no Guadiana alugou este ano em Huelva, um barco de agradável calado, o «Virgen de los Milagros», que em cada viagem pode trazer (a empresa espanhola traz e a portuguesa leva) cerca de 500 pessoas e 15 automóveis, se estes não forem muito grandes. Com o «San Diego», também de grande capacidade de carga e passageiros, antes mandado construir pelos alentejanos, o «Virgen de los Milagros» satisfaz de certo modo as necessidades da fronteira, onde especialmente em Agosto se fez sentir, do lado português, a falta de um «cavaleiro», ou coisa parecida, que atenuasse a péssima impressão causada pelas longas horas de espera aos automobilistas que desejavam seguir para Alentejo.

No que respeita às festas das Angústias, propriamente ditas, os seus promotores continuam a pôr em primeiro plano a tradicional corrida de touros, no dia principal, mas parece que o exemplo não coíbe no lado vila-realense, embora aqui se disponha de um magnífico Tauródromo e um horário adequado desse boa margem à realização da tourada, na parte da tarde do dia da «festa grande». Também — supomos — não lhe faltaria público, já que alguns milhares de pessoas se deslocam sempre à Vila Pombalina para assistir à festa.

Os espanhóis nutrem especial simpatia pela banda «1.º de Dezembro», do Montijo, e há vários anos que a contratam para as suas festas, fazendo-a acompanhar de uma banda espanhola. Não haverá para as festas do próximo ano (que nas deste já não é possível), quem se disponha a reatar e lowndvel costume de promover a realização de um concerto pela banda montijense em Vila Real de Santo António, na ida ou no regresso de Espanha? Cf. «Ideia», para ir amadurecendo...

EXITO DO «CONCURSO DAS CONSTRUÇÕES NA AREIA» EM MONTE GORDO

Despertou o maior interesse a edição deste ano do famoso «Concurso das Construções na Areia», na ribente praia de Monte Gordo. Foram os seguintes os concorrentes ali melhor classificados nesta meritória iniciativa do «Diário de Notícias»:

1.ª categoria — 1.º prémio, Maria Manuela de Moura Guedes Outeiro Pereira (a rapariga a lavar os cabelos no rio); 2.º prémio, Jorge Manuel Machado de Oliveira Dimas (Ardina do «Diário de Notícias»); 3.º prémio, José Manuel Medeiros Pinto (banhista); 4.º prémio, Maria Margarida Neto Macedo (senhora na praia) e «ex-aequo» com este último, o júri decidiu atribuir seis menções honrosas aos trabalhos executados pelos concorrentes José Pedro Lemos de Figueiredo (o buda em acção de graças); Luis Manuel Leitão Canotilho (coelho); Virgílio Fernandes Lanca (campismo); Albertina Maria Gonçalves Mascarenhas (soldado morto); Paulo Manuel Cecílio Moniz (cão) e Maria Emilia Madalena Medeiros Pinto (nu artístico), cujos trabalhos mereciam, pelo nível artístico, uma citação especial.

2.ª categoria — 1.º prémio, Maria Celeste Gomes da Palma (Cristo); 2.º prémio, Maria do Rosário Horta Correia Barrios (bailarina); 3.º prémio, Júlio Pedro Alves Tavares (cão); 4.º prémio, Emílio José Ventura Ribeiro (bisonte). Menções honrosas — Miguel Rego Cunha de Eça, Fernando Maria da Graça Sales, Maria Luisa Colaco Alegre, Maria Rita Sanches de Azevedo Mendes, Maria Helena Sanches de Azevedo Mendes, Luis Maria Ramirez Ne-

ves Garcia, Maria Inês Sanches Azevedo Mendes, Maria Margarida Sanches Azevedo Mendes, Maria Teresa de Araújo Barros, Luis Fernando de Araújo Barros e Ana Maria Barros Falcão de Campos.
3.ª categoria — 1.º prémio, António Manuel Clemente Pinto (bambi); 2.º prémio, João Pedro Falcão de Campos (futebolista); 3.º prémio, Isabel Maria Mendes Nunes (caniche); 4.º prémio, Luis Miguel Sanches Horta Correia (gato). Menções honrosas — Cesário António Gonçalves da Silva, Álvaro Francisco Varela Costa Romão Colaco, Isabel Maria da Silva Borges, Raul Manuel Valente, Ana Cristina Jorge Cipriano, João Pedro Cabecada Marques da Silva e Maria da Conceição Marques Ferreira.

TEATRO DE AMADORES EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Atingiu o quinto espectáculo o Circuito de Fomento Cultural, organização do Glória Futebol Clube, composto por jovens estudantes vila-realenses, e embora as suas representações evidenciem, quase sempre a demasiada pressa com que são preparadas, nos períodos de férias dos seus intervenientes, não há dúvida que o persistente contacto com os autores, com o palco e com o público, tem dado origem a um certo refinamento de forma, que nos anima e esperar mais e melhor desta juventude estudantil.

Assistimos agora a «O Passageiro do Expresso», peça em 4 actas, de José Rodrigues Miguel, e que se integra no nosso tempo, ainda que com alguns pontos de vista discutíveis. Nela foi figura central Dorilo Seruca, que confirmou os excelentes dotes histrionicos já aqui assinalados, no papel do rico homem de negócios «Óscar» e, depois, do «fantasma» do mesmo personagem. Artur Bandeira, «número dois» da peça, em «Filipe», o mau/bom assassino de Óscar, evidenciou grande melhoria (talvez baseada na «persistência» a que antes aludimos), em relação ao seu anterior trabalho, nosso conhecido, Ramona Rodrigues brindou-nos com um bom desempenho na espeditada governanta «Gertrudes», o mesmo sucedendo com o «comissário» Vitalino Brás, a quem fizto indumentária mais de acordo com a importância do cargo; com o «intruso» José Maria; o «coriado» José Rocha; com João Ferreira, em «1.º agente» e «investigador arruinado»; António Machado, em «2.º agente» e «coperário»; Mário Samúdio, em «cavaleiro» e «jornalista»; Luisa Primitivo, em «Estrela»; Eduarda Santos, em «Herminia»; Custódio Pereira, em «banqueiro»; Fátima Pescada, em «Messalina»; António Felício, em «emendado»; Glória Martins, em «mãe»; José Júlio, em «chauffeur»; Elisabete Marcos, em «cozinheira»; Manuel Fernando, em «juiz» e «Prozeneta»; Cristina Maria, em «anjo»; e Carlos Felício, em «dinamite».

Pareceu-nos pouco adequada a cenografia, de J. Livramento, que nas duas primeiras cenas não lembrou o ambiente mais requintado de que o banqueiro Óscar deveria rodear-se, e nas duas últimas andou um tanto afastada do que poderia sugerir um compartimento do expresso. Também a sonoplastia, de Alexandre Azul, fugiu um pouco a época-terra do expresso, acusando outros ligeiros «desvios», fáceis de corrigir em trabalhos futuros.

A direcção e encenação foi de Dorilo Seruca, que, com mais tempo, poderá fazer muito melhor, a caracterização de Aurélio Madeira, servindo de ponto Rui Vairinhos e de maquinistas Vítor Igreja, Hordácio Faria, Casimiro Porfírio, Arménio Cardoso, António Almeida e Abel Beirão, e tendo ainda prestado a sua colaboração Elisabete Marinheiro e João Romão.

S. P.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.